

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES/ICHCA
JORNALISMO

JOANNA DE ÂNGELIS BARBOSA DE SOUSA

MÍDIA E RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

MACEIÓ
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES/ICHCA
JORNALISMO

JOANNA DE ÂNGELIS BARBOSA DE SOUSA

MÍDIA E RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Relatório final, apresentado à
Universidade Federal de Alagoas
(UFAL), como parte das exigências para
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo, em dezembro de 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lídia Ramires

MACEIÓ

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA)
Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 16 dias do mês de dezembro do ano de 2020, das 19h às 20h30, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado “*Mídia e racismo no futebol brasileiro*” de autoria da graduanda **Joanna de Ângelis Barbosa de Sousa**, matrícula **14112624**, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel. A banca foi composta por **Dr. Júlio Arantes Azevedo** (1º examinador), por **Esp. Carlos Madeiro** (2º examinador) e por **Dra. Lídia Ramires** (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduanda foi arguida pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

Aprovado, atribuindo-lhe a nota 9,5 (nove e meio)

Reprovado

Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão de seu trabalho em prazo não superior a _____ dias úteis.

Subscrevemo-nos

Dra. Lídia Ramires (orientadora)

Dr. Júlio Arantes Azevedo (1º examinador)

Esp. Carlos Madeiro (2º examinador)

À minha família, em especial minha mãe, minha avó Zeza e meu pai por me ensinar a amar o futebol. Aos meus amigos, Fap'z e meu bolinho de bosta. Gratidão pelo apoio e carinho incondicional.

RESUMO

Símbolo nacional, o futebol construiu sua imagem pública como ambiente livre de preconceitos, além de ser utilizado como ferramenta de inclusão, integração social e entretenimento. Mas, uma análise mais aprofundada sobre suas raízes revela uma mancha em sua história: a discriminação racial. Inicialmente o futebol era um esporte exclusivo para a elite e protagonizou diversos escândalos relacionados ao racismo e ao preconceito nos campos brasileiros, desde a sua chegada por volta do ano de 1895. No mesmo passo o jornalismo nascia e se expandia, abordando todo o processo de aceitação do esporte europeu em terras canarinhas e registrando a evolução da sociedade na inserção dos mulatos e negros na prática do futebol nos grandes clubes nacionais. O objetivo desta pesquisa é enfatizar a relevância dos veículos de mídia nacional como ferramentas de desconstrução do racismo, dentro e fora de campo, por meio da análise da abordagem da mídia sobre os casos de discriminação mais recentes no futebol brasileiro. Esse estudo destaca ainda a relevância social de estratégias de enfrentamento ao racismo, como campanhas desenvolvidas pelos próprios clubes ou em parceria com entidades ligadas ao movimento negro, tendo como base o levantamento histórico de casos de destaque, com comparativos entre dados de denúncias de discriminação registradas em competições nacionais, ou por meio da internet.

Palavras-chave: futebol; racismo; jornalismo; mídia; Brasil; discriminação;

ABSTRACT

As a national symbol, soccer has built its public image as a prejudice free environment, in addition to being used as a tool for inclusion, social integration and entertainment. But further analysis of its roots reveals a stain in its history: racial discrimination. Initially, soccer was an exclusive sport for the elite and led to several scandals related to racism and prejudice in Brazilian fields, since its arrival around 1895. At the same time, journalism was born and expanded, addressing the entire process of acceptance of European sport in Canarian lands and recording the evolution of society in the inclusion of mulattos and blacks in the practice of football in the major national clubs. The aim of this research is to emphasize the relevance of national media vehicles as tools for deconstructing racism, both on and off the field, by analyzing the media's approach to the most recent cases of discrimination in Brazilian football. This study also highlights the social relevance of strategies to combat racism, such as campaigns developed by the teams themselves or in partnership with entities linked to the black movement, based on the historical survey of prominent cases, with comparisons between data on registered discrimination complaints. in national competitions, or through the internet.

Keywords: football; racism; journalism; media; Brazil; discrimination;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Elenco do Vasco da Gama em 1923.

Figura 2: Matéria sobre o jogador Leônidas no jornal O Globo Sportivo de 1951.

Figura 3: Cruzeiroinho de Novo Hamburgo, um dos times da Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense.

Figura 4: Seleção Brasileira de 1919 – Revista O Malho.

Figura 5: Campanha da FIFA – Say no to racism.

Figura 6: Twitter da presidente Dilma em apoio ao jogador Tinga após caso de racismo.

Figura 7: Manifestação online do Santos Futebol Clube em apoio ao goleiro Aranha.

Figura 8: Manifestação do jogador Neymar em apoio ao companheiro de time, Daniel Alves.

Figura 9: Manifestação do jogador Neymar pela Campanha Vidas Negras Importam.

Figura 10: Campanha da CBF contra o racismo em 2014.

Figura 11: Campanha da CBF de 2018 contra a discriminação.

Figura 12: Campanha online do Observatório Racial do Futebol de 2020.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Casos de racismo registrados em 2014 por local.

Gráfico 2: Casos de racismo divididos por estados brasileiros em 2014.

Gráfico 3: Registros de ocorrências e acompanhamento de processos de racismo em 2014.

Gráfico 4: Casos de racismo registrados em 2015 por local.

Gráfico 5: Casos de racismo divididos por estados brasileiros em 2015.

Gráfico 6: Registros de ocorrências e acompanhamento de processos de racismo em 2015.

Gráfico 7: Casos de racismo registrados em 2016 por local.

Gráfico 8: Casos de racismo divididos por estados brasileiros em 2016.

Gráfico 9: Registros de ocorrências e acompanhamento de processos de racismo em 2016.

Gráfico 10: Casos de racismo registrados em 2017 por local.

Gráfico 11: Casos de racismo divididos por estados brasileiros em 2017.

Gráfico 12: Registros de ocorrências e acompanhamento de processos de racismo em 2017.

Gráfico 13: Casos de racismo registrados em 2018 por local.

Gráfico 14: Casos de racismo divididos por estados brasileiros em 2018.

Gráfico 15: Registros de ocorrências e acompanhamento de processos de racismo em 2018.

Gráfico 16: Total de casos de racismo de 2014 a 2018.

Gráfico 17: Casos de racismo por estado brasileiro de 2014 a 2018.

Gráfico 18: Locais de registro dos incidentes de racismo de 2014 a 2018.

Gráfico 19: Casos de racismo registrados em 2019 por local.

Gráfico 20: Casos de racismo divididos por estados brasileiros em 2019.

Gráfico 21: Registros de ocorrências e acompanhamento de processos de racismo em 2019.

LISTA DE ABREVIATURAS

AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Atléticos
APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CBJD	Código Brasileiro de Justiça Desportiva
CNE	Conselho Nacional do Esporte
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
ESPN	Entertainment and Sports Programming Network
FAF	Federação Alagoana de Futebol
FBF	Federação Brasileira de Football
FERJ	Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro
FIFA	Federação Internacional de Futebol
LCF	Liga Carioca de Football
LFP	Liga de Futebol Profissional da França
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
STJD	Superior Tribunal de Justiça Desportiva
TJD	Tribunais de Justiça Desportiva

SUMÁRIO

1	Introdução	10
2	Breve histórico do jornalismo esportivo no Brasil	12
3	Os negros e a profissionalização do futebol nacional	17
	3.1. Reflexos na mídia – O jornalismo e o destaque aos novos tons do futebol	20
	3.2 As canelas pretas, o pó de arroz e “El Tigre”	23
	3.3. Mário Filho e a revolução do jornalismo esportivo	26
4	Futebol nos anos 2000 e o enfrentamento ao racismo	29
	4.1 Representatividade, mídia e casos famosos dos últimos 10 anos	32
5	Ocorrências no Brasil	36
	5.1. Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2014	38
	5.2 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2015	41
	5.3 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2016	44
	5.4 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2017	47
	5.5 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2018	49
	5.6 Dados recentes – Estatísticas de denúncias de 2019 e a projeção de 2020	54
6	O reconhecimento da identidade negra e as campanhas nacionais de enfrentamento ao racismo no futebol	58
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64

1 Introdução

O futebol é uma importante opção de divertimento e entretenimento à população de todo o mundo. Mas, poucos sabem que o esporte mais popular do Brasil é manchado em sua história por episódios de racismo, contrariando a imagem de instrumento de inclusão social que possui hoje. No início era um esporte elitista, praticado por clubes de engenheiros e técnicos da Inglaterra, onde nasceu, além de jovens da elite metropolitana. Os negros, mulatos e demais cidadãos com menor poder aquisitivo não eram aceitos.

Os desafios eram muitos. Em meio às condições precárias, de estrutura e desvalorização profissional dos próprios jogadores, somadas aos preconceitos dentro e fora dos estádios e redações, o esporte e o jornalismo deram as mãos no combate ao racismo e no fortalecimento do futebol na cultura brasileira.

Levantar a discussão sobre o quanto esses tristes acontecimentos são importantes é um ponto essencial de desenvolvimento sociocultural. Qualquer ato semelhante deve receber a devida atenção, e não ser ignorado como geralmente acontece. A contribuição material gerada pela criação de um debate mais aprofundado sobre esse tema necessita da presença da figura do jornalista, exercendo um papel essencial durante esse processo.

Como “informante”, uma das principais funções do jornalista é a de expor fatos relevantes em todos os âmbitos, do social ao esportivo, do político ao cultural. É a figura responsável pela visibilidade de acontecimentos que possam interferir no andamento da sociedade e, dessa forma, é também um instrumento indispensável para a construção de iniciativas de ação e mobilização social.

Em sincronia com a expansão dos gramados e campos do país, o jornalismo evoluiu junto à mídia esportiva e se adaptou a um novo público, que buscava participar deste fenômeno. Nesse contexto, o a mídia de forma geral entra como ponto chave na quebra gradativa do preconceito e do racismo, começando dentro de campo.

Nesta pesquisa, por meio do resgate de documentos, matérias jornalísticas e obras literárias sobre a evolução do jornalismo, em especial o esportivo, no país e seu impacto na sociedade, traremos a temática para os dias

atuais, com a comparação de casos de racismo recentes e a análise do tratamento realizado pela mídia sobre os mesmos.

Abordando os primeiros passos do futebol no Brasil, a desconstrução das barreiras entre a elite e os jogadores negros e mulatos e o papel da mídia nesse processo, o esporte será acolhido como objeto de estudo, através da perspectiva de uma problemática social, tendo como pano de fundo o jornalismo esportivo e suas características.

Sendo assim, este trabalho, dividido em seis seções, abordará os primeiros passos do futebol no país, começando com um breve histórico do jornalismo esportivo. Na terceira seção, trará a profissionalização do futebol com o protagonismo dos negros nos principais campeonatos do país, na época, e como a participação dos mesmos impulsionou o jornalismo esportivo, por meio de figuras como Leônidas, Arthur Friedenreich, além da contribuição de Mário Filho.

Na sequência, a quarta seção traz o futebol nos anos 2000, as medidas de enfrentamento ao racismo realizadas pelas entidades superiores do esporte, como a Federação Internacional de Futebol – FIFA e casos de destaque dos últimos dez anos que reforçaram a importância da representatividade no futebol. As duas últimas seções trazem os números dos casos de racismo de 2014 a 2019, com base no levantamento realizado pelo Observatório da Discriminação Racial do Futebol, como também algumas das principais campanhas de enfrentamento promovidas nos últimos cinco anos.

2 Breve histórico do jornalismo esportivo no Brasil

A imprensa esportiva, acompanhando simultaneamente a evolução do esporte mais popular do Brasil, nasceu, cresceu e se expandiu. No mundo, o jornalismo esportivo tem pouco mais de 100 anos. O primeiro jornal dedicado exclusivamente aos esportes surgiu em Paris, em 1854, chamado *Le Sport*. Suas publicações giravam em torno de crônicas sobre haras, turfe (esporte que promove e incentiva corridas de cavalos), caça, boxe, natação, entre outros. Fonseca (1997) destaca o hipismo como o primeiro esporte a ter uma publicação mais elaborada em um veículo impresso, em meados do século XIX, na França.

No Brasil, o marco inicial do jornalismo esportivo é datado em 1865, de acordo com Ribeiro (2007), com o jornal *O Atleta*, que abordava o aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro. Na época, os grandes jornais noticiavam os eventos esportivos por meio de notas, informando os leitores sobre as partidas de críquete, remo, ciclismo e turfe. De acordo com o autor, antes da chegada de Charles Miller, precursor do futebol e do rugby no país, a imprensa esportiva era inexistente.

Com o tempo, diversos veículos surgiram com conteúdo exclusivo voltado para publicações esportivas, primordialmente remo e críquete, com o futebol como tema secundário. Como exemplos temos, no Rio de Janeiro, os jornais *O Sport* e *O Sportsman*, em 1885 e em 1891, respectivamente; em São Paulo, em 1888, *A Platea Sportiva* – um suplemento do jornal *A Platea*, e, em 1898, a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (RIBEIRO 2007). Até mesmo Graciliano Ramos, em sua crônica “Traços a Esmo”, publicada primeiramente em 1921 com o pseudônimo de J. Calisto, duvidava da força do futebol em campos brasileiros.

Pensa-se em introduzir o futebol, nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente. Com exceção talvez de um ou outro físico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês. [...] Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos. [...] Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega. (RAMOS, p.2, 1921.)

As mudanças acarretadas pela chegada de Charles Miller e a disseminação do futebol mudou o cenário esportivo nacional e impulsionou o desenvolvimento de uma nova linguagem, específica para os aficionados da febre inglesa que tomava conta dos gramados do país.

Segundo Ribeiro (2007) a primeira publicação sobre uma partida de futebol no Brasil, marcada em 22 de outubro de 1901, foi feita na coluna *Sport do Correio da Manhã*, sobre o jogo entre Paysandu Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association, únicas equipes que existiam no Rio de Janeiro na época, e, de acordo com Ribeiro (2007), a partida foi o pontapé inicial para a fundação da Liga de Futebol de São Paulo, em 1902, garantindo espaço para o futebol no campo da imprensa brasileira, permanentemente.

Mesmo com vários fatores que indicavam para uma experiência fracassada, a inclusão dos esportes nas páginas dos jornais e o avanço nas publicações seguiu crescendo através de periódicos do Rio de Janeiro, que era a cidade mais importante do Brasil na época. Em 1910, o futebol começou a ganhar certo espaço, mesmo que pequeno, no *Diário de São Paulo*, através de publicações e divulgações de partidas de por meio do *Jornal Fanfulla*.

Segundo o jornalista Paulo Vinícius Coelho, apesar do público ainda restrito, o jornal era um dos únicos a divulgar notícias sobre o futebol numa época em que este esporte ainda não atraía multidões. Não era voltado só para as elites, mas atingia um nicho cada vez mais numeroso na cidade de São Paulo: os italianos. A partir de um convite sutil para criarem um clube de futebol, em uma de suas edições, nasceu o Palestra Itália, que se tornaria o Palmeiras décadas mais tarde. (COELHO, 2011). O *Fanfulla* pode ser considerado, portanto, um dos pioneiros, sendo ainda hoje utilizado como fonte de pesquisa sobre os primeiros passos do esporte no país.

Mesmo com a expansão gradativa do interesse público sobre o esporte, os grandes veículos se recusavam a ampliar o espaço para o tema, devido à relevância social. As manchetes prioritárias abordavam política e economia. O futebol, segundo Coelho (2003), era visto como uma atividade de recreação, logo seria inadmissível que uma notícia de entretenimento ocupasse o espaço de uma matéria ou reportagem sobre um tema nobre.

Ainda segundo Coelho (2003), a prática desportiva na época era quase que exclusiva às elites das capitais mais importantes do país, ou seja, com

jogadores e público com grande influência econômica e social. Este fato acabava por prejudicar a criação de editoriais esportivas, pois, seu público-alvo seria uma parcela pequena da população nacional, o que resultaria em uma venda em menor proporção de jornais, e não geraria lucro.

Com o crescimento do interesse sobre o esporte, os diários aumentaram o espaço destinado ao futebol com páginas inteiras de relatos e fichas de todos os jogos de clubes italianos, apesar do preconceito que ainda habitava as redações do passado, como afirma Paulo Vinícius Coelho em sua obra *Jornalismo Esportivo*.

Não existia o que se pode chamar hoje jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado, e isso se verifica também nas de hoje em dia, havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. (COELHO, p.8, 2003)

O futebol e o jornalismo esportivo atingiram um novo patamar no final da década de 1920 e na década de 1930, junto com a inserção da população negra no mercado nacional dos folhetins. Na época a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), fundada em 1914, era a entidade responsável por administrar todas as modalidades esportivas no Brasil, até 1979, quando foi extinta.

O Vasco da Gama, em 1923, dando seus primeiros passos a caminho da elite carioca, conquistou o campeonato estadual. Contrariando as equipes formadas com a elite e, majoritariamente brancas, o clube possuía em seu elenco operários, sem dinheiro ou posição social, brancos, negros e mulatos, que ficaram conhecidos como Camisas Negras e passaram a figurar como destaque em diversas publicações esportivas.

Nessa nova conjuntura, o Rio de Janeiro lançou o *Jornal dos Sports*, na década de 1930. Entretanto, o preconceito ainda dominava, e quem controlava o entretenimento da sociedade também possuía o maior poder aquisitivo, e os veículos que surgiram com a mesma proposta acabavam por definharem. Paulo Vinícius Coelho comenta que nesse período, o trabalho dentro de uma redação esportiva era similar a tourear a realidade (COELHO, 2003).

O jornalismo esportivo na década de 1950, por exemplo, tinha a conotação de poesia e romance, uma característica praticamente inexistente nas análises atuais. Com a mudança entre as décadas de 1960 e 1970, os jornais adotaram as crônicas e começaram a endeusar jogadores. Um dos destaques da época, Nelson Rodrigues, utilizava-se deste artifício. Na sua crônica “A Realeza de Pelé”, publicada na revista Manchete Esportiva, do dia 8 de março de 1958, deu a Pelé a alcunha de Rei, em um jogo do Santos contra o América – RJ.

Nesse contexto, fazendo uma análise entre os cadernos atuais do esporte e das antigas crônicas, verificamos a diferença entre o que era considerado ficção e verdade, essa última característica essencial do jornalismo, verdade esta que a partir da década de 1960, começou a ganhar mais importância no meio, tendo em vista o compromisso com a realidade, que foi cada vez mais cobrado aos jornalistas.

As notícias passaram a ter cara de reportagem a partir da década de 1980, que foi quando as partidas começaram a ser transmitidas ao vivo, levando em conta que com esse recurso era improvável que os jornalistas escrevessem algo fantasioso ou inexistente, pois a sociedade acompanhava os jogos em tempo real. Com a profissionalização dos esportes, houve a necessidade de que a imprensa esportiva também evoluísse.

Os jornalistas de veículos impressos e de rádio se dedicavam a descobrir fatos que a televisão não mostrasse. E os da televisão começaram a se especializar em outros ângulos de imagens e sons que anteriormente não eram captados. Atualmente, mesmo tendo a forte influência da internet, televisão e jornais, as revistas especializadas ainda possuem grande importância, tendo em vista os novos enfoques dados para as publicações esportivas de cunho mais criativo e aprofundado.

É nessa linha editorial que existe o maior volume de abordagens sobre os temas delicados, que é o foco principal da pesquisa. A revista *Placar*, por exemplo, na década de 1970, já abordava o tema do racismo com uma matéria com o ex-atacante do Internacional, Jair da Rosa Pinto, que tinha como manchete a seguinte declaração do jogador: “Racistas não me deixam ser ídolo”. Na década de 1990, a revista tinha como matéria de capa o treinador negro Lula

Pereira, com a manchete: “Me desculpe, você é preto”, declaração atribuída a um dirigente no momento em que foi “obrigado” a demiti-lo.

Essa análise histórica é de vital importância para discutirmos tanto o passado, quanto o presente e futuro do jornalismo esportivo, a sua abordagem de temas com relevância social e a capacidade deste em se aprofundar em tais temas.

3 Os negros e a profissionalização do futebol nacional

O elitismo do futebol no Brasil, quando o esporte ainda avançava lentamente entre os diários e folhetins, era ainda mais destacado pelos termos utilizados durante as partidas, chamadas de *meetings*, como *field*, *score*, *goal*, entre outros, o que reforçava a separação entre o público e os jogadores das camadas mais baixas da população, mesmo em categorias amadoras.

Com o passar dos anos, alguns clubes quebraram algumas dessas regras. Um dos primeiros registros de jogadores negros em clubes de futebol foi feito pela Associação Atlética Ponte Preta. Entre os fundadores da Ponte Preta existiam negros e mulatos, como Benedito Aranha. Já Miguel “Migué” do Carmo foi jogador titular da equipe logo no ano de sua inauguração, em 1900 (FILHO, 2003).

Contudo, o autor Mário Filho aponta o Bangu Atlético Clube como o primeiro clube a escalar um jogador negro, Francisco Carregal, em 1905. Logo após o acontecimento, a Liga Metropolitana de Football (equivalente a atual FERJ – Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro) emitiu uma nota proibindo o registro de “pessoas de cor” como atletas do esporte. Em protesto, o Bangu abandonou a liga e não disputou o campeonato carioca.

Figura 1: Vasco da Gama – elenco em 1923



Foto: Reprodução/Arquivo CRVG

Apesar das grandes conquistas do Bangu no enfrentamento ao preconceito, o Vasco da Gama foi o clube que entrou para a história ao contribuir decisivamente para a inclusão de atletas negros, mulatos e demais brasileiros que não pertenciam à elite. Após conquistar o campeonato carioca de 1923, ano de estreia na primeira divisão, o clube provocou o ego da elite do futebol da época, formada por Fluminense, Botafogo, América-RJ e Flamengo, que abandonaram a Liga Metropolitana e criaram a AMEA, Associação Metropolitana de Esportes Atléticos.

Essa nova liga exigia que o clube demitisse 12 atletas pobres, a maioria negros, para que pudesse fazer parte da mesma. A oferta foi recusada pelo presidente do Vasco da Gama na época, José Augusto Prestes, em forma de carta.

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um acto pouco digno da nossa parte, sacrificar ao desejo de fazer parte da A.M.E.A., alguns dos que lutaram para que tivéssemos entre outras victorias, a do Campeonato de Foot-Ball da Cidade do Rio de Janeiro de 1923. São esses doze jogadores, jovens, quasi todos brasileiros, no começo de sua carreira, e o acto público que os pode macular, nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que elles com tanta galhardia cobriram de glórias. Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da A.M.E.A. (PRESTES, p.01, 1924)

O jornalista Mário Filho (1964) resumiu o sentimento provocado nos grandes clubes cariocas, pela vitória do Vasco em 1923, ao dizer que: “Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual seria a reação dos grandes clubes”.

No ano seguinte, 1924, com a separação dos times da elite carioca, ocorreram dois campeonatos estaduais. O primeiro, realizado pela Liga Metropolitana, consagrou o Vasco da Gama como bicampeão, com o Bonsucesso em segundo lugar. A AMEA, por sua vez, teve o Fluminense como campeão, e o Flamengo como vice.

Em 1925 o Vasco foi aceito na AMEA, de forma incondicional, mantendo todos os jogadores no elenco e com os mesmos direitos dos fundadores da instituição, abrindo assim as portas para uma nova história, que mudaria

permanentemente o rumo do futebol no país. Como o exemplo de um dos grandes ídolos do futebol profissional brasileiro, Leônidas:

O processo se encadeou. O sucesso daqueles primeiros negros do Vasco ajudou a impulsionar o profissionalismo. Que, por sua vez, abriu espaço em todos os clubes para negros, mulatos, pobres. A melhora na qualidade do jogo foi notável e ajudou a seduzir ainda mais o público. E o sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, do time de Leônidas da Silva, foi a melhor exposição possível para aquele futebol negro, de ginga, de talento inegável. Graças a essa transformação, a mudança da mentalidade da sociedade em geral também pode se renovar. (STEIN, 2013)

A entrada dos jogadores negros na elite do futebol carioca, e brasileiro, foi o pontapé inicial para a profissionalização do esporte. A percepção do talento acima da cor da pele fez com que os outros times buscassem nas camadas mais populares da sociedade novos integrantes para suas respectivas equipes.

Países como o Uruguai e a Argentina, além dos europeus Espanha, Itália e França, segundo Caldas (1989), já haviam legalizado o esporte poucos anos antes, em 1931 e 1932, o que atraía alguns jogadores amadores brasileiros. Em terras canarinhas o futebol só se tornou profissional formalmente no dia 23 de janeiro de 1933, com a fundação da Liga Carioca de Football (LCF).

A partir disso, outros estados do país também deram início a profissionalização do esporte, como a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), de São Paulo, a Federação Fluminense de Football, que representava o estado do Rio de Janeiro, a Liga Mineira, representante de Minas Gerais, e a Federação Paranaense de Desportos, que representava o Paraná. Com a união de todas essas federações, foi criada ainda em 1933 a Federação Brasileira de Football (FBF), que passou a ser a principal entidade do futebol profissional. (DRUMOND, 2009a).

Em conjunto com essa atualização, o profissionalismo provocou um reflexo ainda mais profundo na sociedade. Mais do que a aproximação de classes, foi o responsável por integrar, em definitivo, aqueles que eram excluídos pela cor de sua pele.

3.1. Reflexos na mídia – O jornalismo e o destaque aos novos tons do futebol

Com o futebol despontando como preferência nacional, o jornalismo esportivo recebeu uma nova face. Por si só, o esporte inglês ganhava nuances da cultura brasileira e começava a movimentar a economia em grande escala, atraindo atenção de todas as camadas sociais, isso sem falar nos conflitos políticos que o utilizavam como ferramenta estratégica. Em meio a isso, o jornalismo se repaginava. Como analisado no Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte (2007).

A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setorizada, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades, dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes. [...] o jornalismo cada vez mais tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo, o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no Esporte têm sido algumas das iniciativas do Jornalismo Esportivo na construção do espetáculo. (TUBINO, p.719, 2007)

Com a profissionalização do futebol e a busca pela especialização do jornalismo esportivo nas redações, foi impulsionada também a fotografia e a reprodução das partidas por meios visuais. Outro ponto de destaque é a valorização do rádio, como principal objeto de disseminação das notícias sobre os jogos, em lugares onde os folhetins não conseguiam alcançar. Esse fato reforça até hoje o argumento de que as maiores torcidas do Brasil estão ligadas diretamente aos primeiros clubes que ganharam fama nas reportagens do rádio, como Flamengo e Corinthians, por exemplo, pelo destaque dos campeonatos cariocas e paulistas. A mudança da linguagem na cobertura jornalística dos eventos futebolísticos foi outra adaptação realizada para acolher o novo público do esporte que acabaria se tornando um dos grandes elementos do entretenimento da cultura nacional

[...] com o tempo, o noticiário se modificou de acordo com a preferência do público sobre determinados esportes. Cada lugar procurava valorizar modalidades específicas que passaram a fazer parte de um processo de identidade cultural. O esporte se tornou, com a força do jornalismo, um importante fenômeno de cultura e não apenas educacional, e passa a ser tratado na perspectiva do lazer e das competições, transmitidas como informação pelos veículos de comunicação. (TUBINO, p.719. 2007)

O preconceito e o racismo, antes utilizados como argumentos para proibição de jogadores negros e pobres no esporte, começava a ser camuflado como estratégia econômica. O talento gerava entretenimento, e o entretenimento gerava dinheiro para os empresários por trás dos grandes clubes. Apesar disso, os eventos de racismo continuavam e continuam presentes, como é destacado no Relatório anual da discriminação racial no futebol, do Observatório do Racismo no Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

E, assim, de tempos em tempos o racismo contra jogadores negros volta a se apresentar e se reatualizar sem ações de combate efetivas das entidades esportivas e com o silêncio constrangedor de clubes e atletas. Ao longo dos tempos ouve-se um grito aqui e uma ação acolá, mas precisamos de ações mais efetivas, afinal hoje o futebol no país é um esporte tipicamente popular, jogado por pessoas de origens sociais distintas. Contudo, percebido de maneiras também distintas. Para um negro pobre, com poucas oportunidades, o futebol, muitas vezes, apresenta-se como um importante caminho de invenção de mercado para sua ascensão social e de sua família o que talvez seja um dos motivos do silêncio da maioria dos atletas que sofrem discriminação, mas não do silêncio e da omissão de clubes e entidades. (CARVALHO; MANERA, p.24 ,2015)

A suposta imagem democrática do esporte se tornou a fachada ideal para ignorar os problemas sociais e históricos que, até os dias de hoje, ainda permeiam a sociedade. O futebol se transformou em um reflexo da identidade nacional no exterior, sendo utilizado até mesmo como um dos símbolos da cultura brasileira. Esse ideal, do reconhecimento e da fama, foi construído a partir da parceria entre o marketing, a publicidade e o esporte, que fortaleceram um sonho compartilhado por décadas nas várzeas e gramados espalhados pelo Brasil: o de ser um jogador de futebol.

3.1.1 O Diamante Negro

Leônidas da Silva, ou apenas Leônidas, foi o primeiro jogador brasileiro, negro, a ter destaque internacionalmente (RIBEIRO, 2007). O menino que iniciou a carreira no Bonsucesso logo no início da década de 1930 não imaginava o que o seu talento traria para o futebol e o quanto a sua contribuição seria importante na quebra dos estereótipos racistas da época e dos dias atuais.

O craque atuou na seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1934 e 1938, realizadas na Itália e na França, respectivamente. Leônidas foi eleito o melhor jogador em 1938, alcançando a artilharia com oito gols. Seu desempenho nas competições permanece até hoje como um grande feito, com 37 gols em 37 partidas disputadas.

Muito além da notoriedade que ultrapassava as fronteiras nacionais, Leônidas foi um dos pioneiros na utilização da sua imagem na publicidade, sendo precursor do marketing jornalístico ligado ao futebol como primeiro garoto-propaganda, inspirando até a criação do chocolate, Diamante Negro, apelido conquistado após sua participação na Copa do Mundo, em 1934, quando foi procurado pela Lacta.

Figura 2: Matéria sobre Leônidas

L EONIDAS da Silva veio ao mundo no dia 6 de setembro de 1913, mas somente a 13 de setembro de 1931, portanto há vinte anos, nasceu como craque da pelota. Foi nesse dia, que já vai longe e que para muitos ainda parece que foi há pouco tempo, que o simples avante do Bonsucesso, recebeu o batismo de jogador. Foi daí que nasceu sua estranha e curiosa vida. Apesar de já ter sido arquivado o nome de Leônidas como futebolista ativo, ainda há meses, na Bélgica, quando da temporada São Paulo-Batavia, foi exigida sua presença no gramado e lá deu os seus últimos chutes. Foi — diziamos — no dia 13 de setembro de 1931 que aquele que mais tarde seria o "Diamante Negro", o "Maquina", o inventor da "Bicicleta", o artilheiro n. 1 do III Campeonato Mundial e o revolucionador do campeonato paulista de 1943 — veio se revelar por... acaso, quando, indo a campo como reserva da seleção carioca, na finalíssima do campeonato brasileiro daquele ano, teve que substituir o então famoso e veterano Nilo. Quem poderia ter a petulância de desejar o lugar de Nilo, craque de mil e um talvez a sua última e maior glória, de marcar os dois gols do Brasil no prêmio vitorioso contra o Uruguai, competidor do mundo, no jogo inicial da Copa Rio Branco? Imaginei se um Leônidas, do Bonsucesso, poderia apenas, estando em seleção, poderia substituir um Nilo? Impossível! Foi a campo apenas como reserva como o fora nos 3 a 1 do 1.º jogo, no Rio, e



a descoberta do "DIAMANTE NEGRO"

Alí está o "Diamante Negro" num balão de agilidade quando jogava no Botafogo.

Substitui à última hora Nilo que 7 dias antes havia marcado os 2 gols do Brasil contra o Uruguai — E Leônidas fez 2 gols contra os paulistas. OLIMPICOS



nos 3 a 0 do segundo jogo, em São Paulo. A 3.ª partida se iria efetuar após o intervalo para o prêmio inicial da Copa Rio Branco, no Rio. Dia 13 de setembro. Os quadros já estavam anunciados de véspera.

Os jogadores entraram em campo. Todos esperavam que seriam os mesmos. Nilo na meia esquerda. Mas, com surpresa apareceu o rapacinho no seu lugar. Foi como se hoje no lugar de um Ademir, de um Zizinho ou de um Jair aparecesse um novato quase desconhecido, com 18 anos de idade! Estava destinado a acontecer tudo aquilo. No dia seguinte Leônidas era, com os seus 2 gols revedores da vitória dos 3 a 0, a figura central dos comentários, o mais fotografado, o nome mais estampado nas manchetes! A 13 de setembro de 1931 nascia o único ídolo que verdadeiramente atingiria a mesma altura do maior ídolo do passado: Frieden!

Desde aí é desnecessário falar da vida futebolística de Leônidas da Silva.

Vejamos alguns tópicos dos comentários e do relato do jogo transcritos dos jornais de 14 de setembro de 1931.

O quadro carioca a última hora fez uma grande substituição: Nilo, machucado, cedeu seu lugar a Leônidas. A sorte estava mesmo do lado carioca então. Foi este jogador quem marcou dois tentos dos seus. Leônidas foi um dos melhores, sendo o melhor da turma.

O veterano jogador botafoguense não podia ter, pois, melhor substituto. Na verdade,

O "broto" Leônidas, no Vasco, é mais tarde num Carnaval.

Fonte: Arquivos jornal O Globo Sportivo — 1951

O jogador também fechou vários contratos com empresas de relógios, cigarros e eletrodomésticos. Considerado o inventor do gol de bicicleta em terras canarinhas, o jogador também foi ferramenta essencial na transformação de times como o São Paulo e o Flamengo em clubes de massa (STEIN, 2013). Ambos nasceram da elite carioca e paulista em 1912 e 1930, respectivamente, e no início possuíam torcidas exclusivamente formadas pelas camadas sociais mais altas da cidade.

Para o Flamengo, tudo começou com a mudança da sede do clube para o bairro da Gávea e a chegada dos jogadores Domingos da Guia, Fausto, Waldemar de Brito e o próprio Leônidas. Ao lado da sede ficava localizada a Favela da Praia do Pinto, uma grande comunidade do Rio de Janeiro. Leônidas foi o responsável por abrir as portas do clube, de forma simbólica, para a população mais pobre moradora da região. (STEIN, 2013).

No caso do São Paulo, Leônidas chegou ao clube em 1940 para alavancar a fama e garantir visibilidade. Ribeiro (2007) conta que o jogador conquistou diversos títulos e quebrou o favoritismo que existia com os clubes mais antigos, como Corinthians e Palmeiras, e até hoje é reverenciado pela torcida são paulina.

A representatividade de Leônidas como símbolo do futebol enquanto homem negro, craque nacional e garoto-propaganda é o melhor exemplo para demonstrar o avanço da sociedade da época na aceitação dos jogadores negros na cultura. Ao mesmo tempo, seu sucesso se tornou modelo para o jovem pobre, negro ou mulato, que idealizava o crescimento econômico por meio do esporte.

3.2 As canelas pretas, o pó de arroz e “El Tigre”

A história da ascensão do futebol em campos nacionais é marcada com acontecimentos que contribuem para a compreensão das nuances das questões étnico-raciais abordadas nesta pesquisa. Como mencionado nos capítulos anteriores, o Rio de Janeiro, principal cidade do país no início do século XX, possuía uma separação entre as camadas sociais que ditava a participação em competições esportivas.

No mesmo período acontecia no sul do país, mais especificamente no Rio Grande do Sul, a fundação de suas primeiras ligas futebolísticas. Segundo Gilmar Mascarenhas de Jesus, geógrafo e autor do livro *Esporte e Mito da*

Democracia Racial no Brasil: Memórias de um Apartheid no Futebol, em torno de 1920 existiam três importantes ligas no futebol porto-alegrense: a principal, vulgarmente conhecida como a Liga do Sabonete, por ser composta pela “nata” local; a liga intermediária, ou Liga do Sabão, formada pela classe média, como comerciários da região; e a Liga das Canelas Pretas, disputada “somente por times de jogadores negros que não eram aceitos pelas outras equipes”. (MASCARENHAS, p.5 ,1999).

Figura 3: Cruzeirinho de Novo Hamburgo, um dos times que participou da Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense.



Fonte: Reprodução

A Liga das Canelas Pretas, cujo nome original era Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense surgiu como uma forma de manifestação contra a segregação racial e social na liga principal, por volta de 1910, após o time Rio Grandense, formado em sua maioria por jogadores mulatos, ter sua participação negada.

Com o passar do tempo, a Liga do Sabão passou a intermediar a entrada dos jogadores negros e mulatos na elite do futebol do sul do país e com isso ocorreu a extinção da Liga das Canelas Pretas junto com a profissionalização do esporte no país, na década de 1930 (SILVA, 2005).

Um exemplo clássico da barreira racial dos clubes da elite nacional com a entrada dos jogadores negros é a história do pó de arroz, do clube das laranjeiras, Fluminense. Como conta Mário Filho, em O negro no futebol brasileiro.

O caso de Carlos Alberto, do Fluminense. [...] Enquanto esteve no América, jogando no segundo time, quase ninguém reparou que ele era mulato. [...] No Fluminense foi para o primeiro time, ficou logo em exposição. Tinha de entrar em campo, correr para o lugar mais cheio de moças da arquibancada, parar um instante, levantar o braço, abrir a boca num *hip, hip, hurrah*. Era o que Carlos Alberto mais temia. Preparava-se para ele, por isso mesmo, cuidadosamente, enchendo a cara de pó-de-arroz, ficando quase cinzento. Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção. [...] Era só ele entrar em campo e da geral partiam os gritos de 'Pó-de-arroz'. Carlos Alberto sem se dar por achado, como se não fosse com ele, como se fosse com o Fluminense. (FILHO, p.60, 1947).

No mesmo passo da diminuição da resistência da elite ao talento negro no esporte, o Brasil escolheu o seu primeiro ídolo. Arthur Friedenreich, mulato, filho de um descendente alemão com uma negra brasileira, fez parte do time que disputou o primeiro jogo da história da Seleção, na Inglaterra em 1914.

Figura 4: Time campeão do primeiro título internacional da Seleção Brasileira – 1919



Fonte: Reprodução/Revista O Malho

Apelidado de “El Tigre”, Arthur é considerado até hoje o herói do primeiro título internacional, conquistado em 1919, no campeonato Sul-Americano – atual Copa América – disputado no Rio de Janeiro. No ano seguinte, devido a uma briga entre as instituições carioca e paulista, apenas jogadores cariocas foram

convocados para participar da competição, onde Fried ficou de fora e o Brasil terminou em 3º lugar.

Segundo Mário Filho (1947), após a participação da seleção no campeonato Sul-Americano em 1920, sediado em Buenos Aires, um jornal local fez uma provocação ao elenco brasileiro utilizando o termo “macaquitos”, que gerou reações imediatas. No ano seguinte, o então presidente brasileiro, Epiácio Pessoa, interferiu contra a participação de jogadores negros e mulatos na competição com o argumento de que evitaria desgaste desnecessário com a imagem do país (FILHO, 1947). A “resposta” acentuou a rivalidade entre os países e repercutiu continuamente em todas as competições realizadas desde então.

As histórias de Carlos Alberto e de Fried se confundem e se assemelham pelo conflito da raça e da hierarquia cultural tão nítidas no processo de estabelecimento do futebol como paixão nacional. Mário Filho (1947) diz que Friedenreich era sempre o último jogador a entrar em campo, pois dedicava a maior parte do seu tempo nos vestiários a arrumar os cabelos, deixando os fios rentes ao couro cabeludo, esticados e untados em brilhantina.

O cabelo do Arthur, bem preto, bem espichado, brilhava ao sol. Não parecia o cabelo dele. [...] Ele podia meter a cabeça na bola. A cabeleira não caía, ficava onde estava. Sem um fio de cabelo desmanchado. Não era cabelo postiço, era cabelo ‘não nega’. Denunciando o mulato Friedenreich, como o pó-de-arroz denunciava Carlos Alberto. (FILHO, p.61, 1947)

A busca pelo reconhecimento acima da cor da pele ou das características físicas marca a trajetória dos primeiros jogadores negros que se destacaram nas camisas de grandes clubes. Aos poucos a barreira se desmanchava, assim como a maquiagem de Carlos Alberto e a brilhantina de Friedenreich.

3.3. Mário Filho e a revolução do jornalismo esportivo

Objetividade e imparcialidade são princípios essenciais na formação da ética jornalística, que é perpetuada no próprio ensino da teoria e da prática na profissão. Todo jornalista é um porta-voz, um transmissor de informações que possuem uma relevância para a sociedade, relevância esta medida de acordo com o contexto econômico e cultural da época. A verdade e a transparência

influenciam na confiança do público à notícia, ao fato, e são valorizadas acima de tudo.

No jornalismo esportivo não poderia ser diferente. Ou poderia? A objetividade, em um conceito mais simples, visa evitar a utilização de termos subjetivos na avaliação da notícia, como bom ou ruim, que expressem a opinião de quem a escreve. Nos primórdios das redações, o essencial era o ganho financeiro pra manutenção dos serviços. Com a chegada do futebol e a expansão do público da mídia esportiva, aconteceu uma revolução, e um dos nomes principais dessa transformação foi Mário Rodrigues Filho.

Mário Filho, como ficou mais conhecido, foi um jornalista e cronista esportivo e escritor brasileiro que impulsionou o jornalismo esportivo como um dos principais gêneros da atualidade, junto do seu irmão Nelson Rodrigues, também jornalista, cronista e romancista. Ambos deram continuidade ao legado de seu pai, Mário Rodrigues, fundador do jornal carioca “A manhã”.

O contato com o jornalismo e o futebol, noticiado pela sua paixão desinibida pelo Clube de Regatas Flamengo, motivou Mário Filho em 1936 a comprar o Jornal dos Sports, fundado anteriormente por Argemiro Bulcão, que antes dirigia o jornal *Rio Sportivo*, como conta Antunes (2004). O autor também afirma que o modo de escrita dramática de Mário e a sua habilidade de transformar fatos corriqueiros em grandes revelações aproximou definitivamente o interesse do torcedor sobre a vida do jogador e do clube do coração. E essa foi a receita do sucesso repentino do *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro.

A ampliação do alcance do jornalismo esportivo e a dinâmica da ponte entre clube e torcedor é um dos pontos implantados por Mário Filho que permanecem até os dias atuais. Ribeiro (2007) destaca a mudança até mesmo na forma da notícia: título, subtítulo, legendas. Suas publicações enfatizavam as vidas e as personalidades dos donos do espetáculo dentro do estádio. Seu jornal foi referência de notícias sobre os eventos esportivos, não somente voltados para futebol, durante um grande período nas décadas de 1940, 1950 e 1960.

Ao lado de Mário, uma grande equipe de colaboradores fortalecia suas iniciativas e engrandeciam seu nome como emancipador do jornalismo esportivo.

Se Mário Filho foi um grande agente de mediação entre diversas esferas da vida esportiva, política e cultural do Rio de Janeiro, não é o caráter personalista de sua “obra” que está em jogo aqui. Tem-se em mira, ao

contrário, a capacidade coletiva do jornalista esportivo de “inventar tradições” e de “inventar multidões”, assim como de pregar sua pedagogia esportiva. Isso se dava não de maneira isolada, mas em conjunto com outros atores, dentre profissionais, redatores e técnicos qualificados. (BUARQUE DE HOLLANDA, p.83 2012)

A campanha que consagrou Mário Filho aconteceu em 1940, mais precisamente a partir de 1946, quando aconteceu a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 1950. Ary Barroso, vereador carioca e amigo de Mário, apresentou o projeto de construção de um estádio no bairro do Maracanã. A partir disso, Mário deu início a publicação de uma série de artigos que defendiam a construção do Estádio Municipal no Maracanã, com pelo menos 150 mil lugares, e que deveria ser o maior do mundo (Revista Press, 2018).

Com grande adesão da população, em 12 de junho de 1950 foram concluídas as obras do estádio que conhecemos hoje como Maracanã, mas possui de batismo o nome do seu defensor, Mário Rodrigues Filho, que foi homenageado logo após sua morte em 1966.

4 Futebol nos anos 2000 e o enfrentamento ao racismo

“Discriminação de qualquer tipo contra um país, pessoa privada ou grupo de pessoas em razão de raça, cor da pele, origem étnica, nacional ou social, sexo, deficiência, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra opinião, riqueza, nascimento ou qualquer outro status, orientação sexual ou qualquer outro motivo é estritamente proibida e punível com suspensão ou expulsão” (FIFA, 2020). Isso é o que está descrito no art. 4º do Estatuto da Federação Internacional de Futebol – FIFA, fundada em 1904, em Paris, que é a organização responsável pela direção de associações que trabalham com o futebol de campo, de praia ou areia e o futsal, em todo o mundo.

Um dos primeiros passos dados pela entidade no combate ao racismo, e talvez um dos mais importantes deles, aconteceu em 2001 com a assinatura da Resolução de Buenos Aires. Os casos de racismo aumentavam exponencialmente na época, gerando uma cobrança da sociedade para que as autoridades, tanto nacionais quanto internacionais, tomassem providências efetivas para controlar a situação. O congresso sediado na Argentina em julho daquele ano, definiu o posicionamento da instituição na luta contra a discriminação e o preconceito.

No ano seguinte a FIFA criou um novo Código Disciplinar, prevendo punições e sanções para clubes, dirigentes e atletas que pratiquem qualquer ato discriminatório ou racista. A punição se estende ao clube mesmo quando o comportamento partir dos espectadores, no caso a torcida, podendo o mesmo ser até afastado da competição (FIFA, 2019). O documento é atualizado anualmente, tendo sua última edição lançada em 2019, e fica disponível no site oficial da instituição. Ainda em 2002 a FIFA lançou o Dia Mundial Contra a Discriminação e o Racismo (Anti-Discrimination Day), um evento realizado na mesma data que competições escolhidas especialmente para garantir maior alcance da campanha, ao redor do mundo. Por exemplo, em 2017, a ação foi celebrada em 28 e 29 de junho, datas das semifinais da Copa das Confederações e em 2018 aconteceu nos dias 6 e 7 de julho, durante a Copa do Mundo, ambas competições sediadas na Rússia.

A campanha ganhou apoio de entidades e celebridades famosas, desde sua criação, e impulsionou a FIFA a continuar inovando nas ações de combate ao preconceito. Em 2004 foi atualizado seu Código de Ética, também disponível em seu site oficial, que orienta que “árbitros, jogadores e agentes de jogadores não devem agir de maneira discriminatória, sobretudo em relação a etnia, raça, cultura, política, religião, gênero ou idioma” (FIFA, 2018). 2006 foi marcado com mais uma grande ação da FIFA: o início da campanha “Say no to racism” (Diga não ao racismo). A ação foi lançada durante o Mundial da Alemanha, e foi repetida nas Copas do Mundo de 2010 e 2014, por meio de ações publicitárias durante o período de realização do evento, como banners na abertura e faixas e cartazes dentro de campo. Em 2018 o foco da campanha girou em torno de comerciais nas programações televisivas locais e mensagens no sistema de som dos estádios durante as partidas (Tonini, 2019).

Figura 5: Campanha Say No To Racism



Foto: Björn Láczy/Flickr.

Em homenagem aos 89 anos de Nelson Mandela, em 2007 a FIFA organizou um amistoso chamado “90 minutos para Mandela”. Os times foram uniformizados nas cores branca e preta, o primeiro composto apenas por jogadores de nacionalidade africana e o segundo com jogadores do restante do

mundo. Toda a renda foi destinada a fundação de combate ao racismo, batizada com o mesmo nome do líder sul-africano (Tonini, 2019).

Nos últimos 10 anos o que se nota é que, apesar do esforço de algumas poucas entidades na execução e disseminação de ações que visem a proteção e enfrentamento ao preconceito e ao racismo, não há avanço quando o envolvimento da sociedade é limitado ou por muitas vezes reprimido. A produção de campanhas e ações de combate deve superar as barreiras entre as classes e atingir de forma uniforme o público que acompanha o esporte mais popular do mundo.

O estabelecimento de sanções foi um justo, mas tardio avanço com relação ao reconhecimento de um crime, dentro do gramado e posteriormente nas arquibancadas, mas, mesmo com as punições, a avaliação subjetiva de quem julga define a valoração de quem acusa e é acusado e isso vai além do âmbito jurídico.

No Brasil, o primeiro clube a ser penalizado foi o Juventude (RS), em 2005. Em uma partida contra o Internacional, a torcida do anfitrião emitia sons de macaco todas as vezes que o jogador Tinga tocava na bola.

O Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) sentenciou o clube com uma multa de R\$ 200 mil e a perda do mando de campo em duas partidas. Tinga, que voltaria a sofrer racismo em campo 10 anos depois, acabou se tornando um dos maiores símbolos da luta contra o preconceito no esporte.

Outro caso que ampliou a visão sobre o racismo no futebol foi protagonizado pelo jogador Grafite, em 2005, na época atuando pelo São Paulo. Em um jogo da Libertadores o adversário Desábato, da Argentina, proferiu xingamentos diretos como “negro de merda” e “macaco”, a agressão em resposta resultou na expulsão de Grafite ainda no primeiro tempo da partida. Na mesma noite, o zagueiro do Quilmes foi algemado e denunciado por injúria qualificada.

Quando um crime como o do caso do Grafite ultrapassa a barreira da mídia nacional se transforma em uma ferramenta ainda mais poderosa de conscientização. É até hoje, 15 anos depois, utilizada como exemplo de conduta e quebra a ideia de que o que acontece entre os quatro cantos do gramado pode passar impune.

Em entrevista ao Globoesporte.com, o jogador comentou sentir falta do engajamento dos próprios jogadores e clubes no combate às práticas de discriminação e que se sentiu mal ao ser reduzido pela mídia à apenas mais uma vítima (Grafite, 2019).

Entender a raiz do preconceito é um dos primeiros passos para tentar extingui-lo. Quando a sociedade se nega a acreditar que o racismo existe, ou até mesmo afirma absurdamente que os negros são os verdadeiros racistas e espalha a semente do vitimismo como uma verdade, expõe uma face antiga, ignorante e intolerante.

Mais denúncias resultam em mais ações, que geram uma maior atenção e mobilização em prol de um bem comum. Utilizar o esporte, principalmente o futebol, como interligação entre a compreensão do debate sobre a discriminação e o racismo como essencial e a aceitação da população em participar e ampliar essa discussão são pontos chaves para evolução.

4.1 Representatividade, mídia e casos famosos dos últimos 10 anos

Raras são as pessoas que nunca presenciaram ou ouviram falar de algum caso de racismo ou discriminação que aconteceu dentro de campo ou nas arquibancadas de jogos de grandes clubes. Com o auxílio do avanço da internet nos anos 2000 ficou cada vez mais fácil compartilhar informações, áudios, imagens e vídeos com pessoas próximas ou que estejam em qualquer lugar do mundo e, simultaneamente, ficou muito mais difícil esconder e manipular atos criminosos cometidos publicamente.

Por muito tempo, xingamentos nas arquibancadas contra os jogadores, juízes e dirigentes eram levados como brincadeiras, desabafos da torcida em êxtase pelo clima dentro do estádio. O preconceito compartilhado pelas raízes da ignorância coletiva ganhava voz, em alto e bom som, para quem quisesse ouvir. Graças às primeiras reações de combate, o racismo se tornou velado, discreto, mas nunca deixou de existir.

Passamos da brilhantina ao pó de arroz, e os estereótipos transformados em agressões continuam a ser perpetuados até hoje. A marca deixada pelos anos de escravidão com a cor negra sendo associada automaticamente a

símbolos e expressões negativas deixa vestígios na falta de representatividade dos jogadores negros na evolução do esporte, nacional e internacional.

A luta só começa a ganhar forças quando há o reconhecimento da identidade negra e, a partir do mesmo, acontece a compreensão do legado construído pelos movimentos negros desde a abolição da escravatura. Quando o receio em se assumir como negro se tornar orgulho em fazer parte desta história, o cenário começará a mudar de forma significativa.

O rei do futebol, Pelé, sofreu e ainda sofre duras críticas por seu posicionamento frente aos movimentos negros nacionais e a falta de ações em prol da comunidade. Em 1988, o jornalista Ediberto Coutinho chegou a descrever Pelé como “preto por fora, branco por dentro e um caroço duro de engolir”, em um dos artigos da Revista Negro em Movimento, edição especial em celebração dos 100 anos da abolição da escravatura.

Apesar disso, as conquistas do jogador nas copas de 58 e 70 o eternizaram, junto à Garrincha, como talentos natos do futebol, craques insubstituíveis e representantes do sucesso dos negros no mundo, como afirmou José Jairo Vieira, em sua tese de doutorado Paixão Nacional e Mito Social: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social, ao dizer que Pelé contribuiu para a autoestima e o aceite social do negro no Brasil.

Em um resumo do histórico mais recente dos casos de racismo que ganharam destaque na mídia, o que se observa nas reportagens é a busca pela resolução do caso de forma judicial. A matéria vai além da notícia fato, ao descrever o crime cometido, e amplia seu campo de pesquisa no acompanhamento dos casos até a conclusão, seja por punição aplicada ou por desistência da denúncia.

Jogadores conhecidos pelas torcidas, até mesmo adversárias, como Manuel de Brito Filho, chamado em campo de Obina, o goleiro Mário Lúcio Duarte Costa, conhecido como Aranha, Paulo César Tinga, Ramires, Roberto Carlos e Daniel Alves são exemplos de vítimas de discriminação dentro e fora de campo que se posicionaram publicamente contra a prática do racismo no futebol, nacional e internacional. Em 2010, durante um treino antes do duelo entre Atlético Mineiro, clube do Obina na época, contra o Juventus do Acre, o jogador ouviu xingamentos racistas da torcida adversária. No seu jogo de estreia pelo

Galo, na Copa do Brasil, Obina rebateu o preconceito com talento, marcando cinco gols durante a partida.

Roberto Carlos, em 2011, foi insultado pela torcida adversária quando atuava pelo Nazi, da Rússia. Durante a partida os torcedores jogaram bananas em campo, na direção do lateral. O clube foi multado em cerca de R\$ 20 mil. Outro caso marcante aconteceu em 2012 com o jogador Ramires, que atuava pelo Chelsea. Em outubro, durante uma partida contra o Manchester United, o jogador afirmou ouvir do árbitro frase “cala a boca, macaco”. Sem maiores evidências para comprovar a acusação, o caso acabou com a absolvição do árbitro pela Associação de Futebol da Inglaterra.

Três casos emblemáticos marcaram 2014. Similar ao sofrido por Roberto Carlos na Rússia, torcedores espanhóis jogaram uma banana em campo em direção a Daniel Alves, lateral do Barcelona na época em uma partida pelo Campeonato Espanhol contra o Villarreal. Sem pensar duas vezes, Daniel pegou a banana e a comeu, ato celebrado pelos movimentos antirracistas ao redor do mundo. O torcedor foi identificado e proibido de frequentar o estádio do clube permanentemente.

O goleiro Aranha, atuando pelo Santos, em uma partida contra o Grêmio no Rio Grande do Sul pela Copa do Brasil, também em 2014, ouviu insultos da torcida adversária. O jogo, televisionado, disseminou as imagens claras da torcida pronunciando “macaco” e direcionando ofensas ininterruptas ao jogador. Graças às imagens, o clube foi punido e expulso da competição.

Figura 6: Tweets da presidenta Dilma Rousseff em apoio ao jogador Tinga



Fonte: Reprodução/Twitter

Enquanto isso, na Libertadores, Tinga foi insultado durante partida do Cruzeiro contra o Real Garcilaso, no Peru. A torcida adversária, de forma semelhante à agressão sofrida em 2005 no Brasil, emitia sons de macaco quando o jogador tocava na bola. A repercussão do caso levou a manifestação de apoio, pelo Twitter, da então presidenta Dilma Rousseff.

Ainda em 2014 mais um caso merece destaque. Márcio Chagas, árbitro na partida entre Esportivo e Veranópolis pelo campeonato Gaúcho, na cidade de Bento Gonçalves, encontrou seu carro danificado após o jogo e coberto de bananas. Segundo a reportagem do globoesporte.com, o clube foi punido pelo Tribunal de Justiça Desportiva com a perda de 9 pontos e multa de 30 mil, e acabou rebaixado para a segunda divisão. Márcio contou que o caso é recorrente e que muitos colegas não denunciam por medo de represália e até de perseguições. Segundo a matéria, que contabilizou episódios que se tornaram públicos entre fevereiro de 2013 e março de 2014, 14 casos de racismo foram registrados em estádios brasileiros no período (GLOBO ESPORTE, 2014).

5 Ocorrências no Brasil

Os números dos casos de denúncias e processos de racismo registrados no país variam a cada ano e refletem o impacto das campanhas de enfrentamento e conscientização da população, sejam elas realizadas pela TV, nas escolas ou em manifestações públicas.

Quando o caso está ligado a um grande clube nacional ou internacional, as etapas do andamento da denúncia até a finalização do processo criam um padrão para decisões menores e influenciam diretamente ocorrências de campeonatos regionais por exemplo, devido ao alcance da repercussão e o interesse da mídia na divulgação de tais informações.

Clubes acabam sendo impelidos a criar campanhas de enfrentamento ao preconceito quando são expostos em denúncias relacionadas aos seus membros ou a sua torcida, em uma pressão proporcionalmente ligada à visibilidade conferida ao incidente.

Um exemplo, no caso do goleiro Aranha, do Santos Futebol Clube na Copa do Brasil de 2014, que sofreu insultos racistas partidos da torcida adversária, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, o clube se posicionou nas redes sociais e emitiu nota de repúdio sobre o acontecimento em seu site.

Figura 7: Manifestação online do Santos Futebol Clube em apoio ao goleiro Aranha



Como já mencionado, os casos de racismo no futebol ultrapassam as quatro linhas do gramado e chegam a atingir, além dos jogadores, os dirigentes, árbitros, técnicos e torcedores nas arquibancadas, além de serem evidenciados em ambientes mais difíceis de se manter um controle, como as redes sociais.

As denúncias realizadas oficialmente por meio de boletins de ocorrência, podem virar processos a serem julgados na justiça desportiva ou na justiça comum. Segundo o Observatório de Discriminação Racial do Futebol, o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD), lançado em 2003, não diferencia os tipos de injúria racial (art. 140, § 3º do Código Penal) e racismo (Lei n. 7.716/1989). O Código teve sua última atualização em 2009 pela Resolução nº 29 do Conselho Nacional do Esporte – CNE.

As decisões relacionadas aos casos de racismo se baseiam no art. 243-G do CBJD, que se refere à prática de “*ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência*”. A pena prevê a aplicação de multa e/ou a suspensão de cinco a dez partidas do atleta ou membro do clube que tenha cometido a infração (CBJD, p.57, 2009).

A estrutura da justiça desportiva brasileira conta com o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), para julgamento de casos nos âmbitos estaduais e nacional, e os Tribunais de Justiça Desportiva, nos âmbitos regionais e municipais. O STJD funciona em sintonia com a Confederação Brasileira de Futebol, da mesma forma que os TJDs com as federações locais, como a Federação Alagoana de Futebol (FAF), por exemplo.

O primeiro passo para a efetivação de uma punição em um caso de discriminação racial, da mesma forma que para muitos outros crimes, é a denúncia. A partir da certeza do fato, a repercussão de resultados benéficos para a vítima desencadeia uma corrente de segurança entre outras vítimas que desistiram de seguir com o processo.

Casos já citados, como o do Tinga e do Daniel Alves, são exemplos que transformaram o cenário do futebol e fortaleceram a imagem do esporte como um local livre de preconceitos e estereótipos, graças ao destaque recebido internacionalmente. O mesmo deve acontecer em esferas menores do esporte, profissional ou amador, para que a mudança ocorra uniformemente.

O Observatório da Discriminação Racial do Futebol monitora e divulga casos de racismo no futebol, como também dissemina ações afirmativas realizadas em todo o mundo. Desde 2015, o Observatório lança o Relatório da Discriminação Racial no Futebol Brasileiro. O primeiro, com dados de ocorrências registradas em 2014, foi lançado em março de 2015.

O Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol é a uma análise sistêmica sobre os incidentes raciais no futebol brasileiro. No documento são apresentados os casos de preconceito e discriminação ocorridos no esporte brasileiro, correspondentes ao período de 01 de janeiro a 31 de dezembro de cada ano. A análise de dados e informações sobre os desdobramentos dos casos, assim como suas respectivas punições aos envolvidos, são feitas apenas em relação aos incidentes classificados como os de “racismo no futebol”. (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL, 2014)

Os relatórios abrangem também dados sobre os locais onde os crimes foram cometidos, como nos estádios ou na internet, as regiões com maiores incidentes no país, dividida por estados, e o acompanhamento das denúncias até a resolução dos casos.

O trabalho realizado pelo Observatório fortalece e incentiva o diálogo sobre o racismo institucionalizado no Brasil e ajuda na criação de campanhas voltadas ao combate do preconceito e da discriminação racial como fonte segura de material informativo e educativo.

As cinco edições publicadas, a última em 2019 com dados de 2018, incluíram também levantamentos de ocorrências ligadas à LGBTfobia, xenofobia e machismo no futebol.

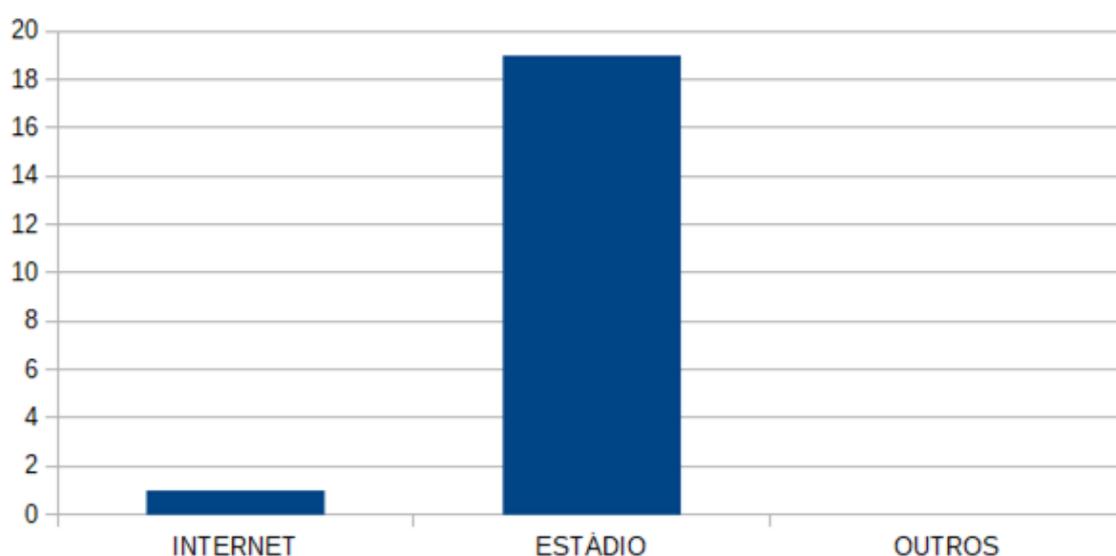
5.1. Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2014

Nos últimos dez anos é evidente o crescimento do interesse da sociedade na busca por justiça, seja ela ligada às lutas de gênero, raça ou sexualidade. A expansão do debate sobre temas antes considerados tabus é um dos pontos que destacam a evolução do pensamento coletivo e da ideia de igualdade para todos. Partindo da percepção de que a mudança só ocorre por meio de estratégias com reforços negativos, como punições, a cobrança em cima de órgãos e instituições que trabalham com os direitos humanos em paralelo à mobilização de clubes de futebol para o tratamento da questão racial dentro e

fora de campo são métodos que aparentemente auxiliam na conscientização da população sobre o tema.

2014 foi um ano que marcou as campanhas sociais no futebol pelo grande destaque dedicado aos casos de racismo ocorridos nesse período, que impulsionaram a ampliação do espaço de diálogo dentro e fora do país sobre como o direito desportivo trata as agressões ligadas à discriminação racial e como esses incidentes colocam em xeque a imagem democrática do esporte mais popular do mundo.

Gráfico 1: Locais 2014



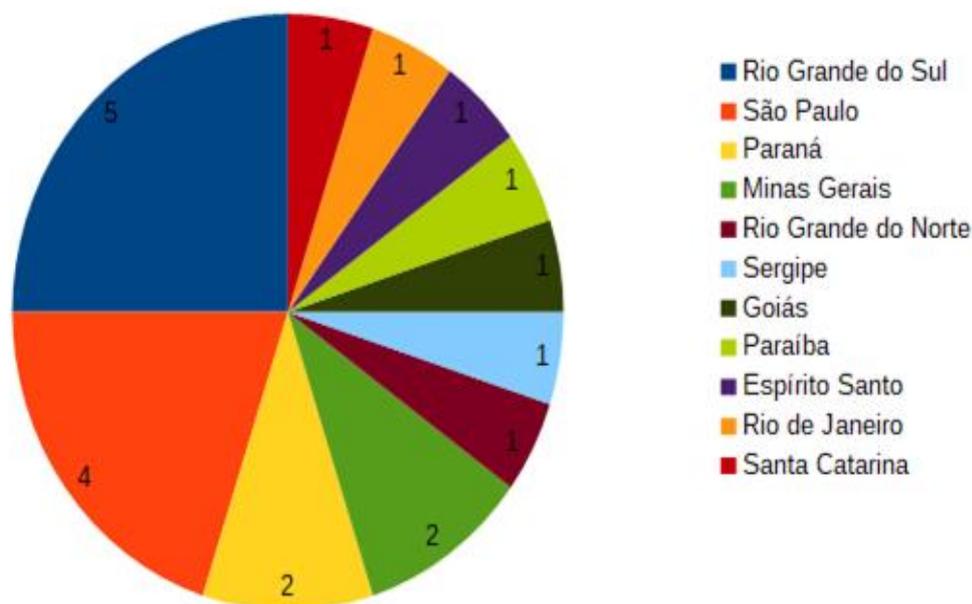
Fonte: 1º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Os números da 1ª edição do Relatório de Discriminação Racial no Futebol Brasileiro, do Observatório da Discriminação Racial do Futebol, indicam maior atuação da justiça desportiva na resolução dos casos registrados e exemplificam o padrão que se repete nos anos seguintes.

Dentro do período utilizado como base para as informações da 1ª edição do relatório, 01 de janeiro à 31 de dezembro de 2014, foram registradas vinte ocorrências de racismo no Brasil, sendo dezenove em estádios e uma na internet (redes sociais). Os 19 casos que aconteceram dentro dos estádios foram divididos nos estados do país, somando onze em seu total, e concentrados em

sua maioria nas regiões sul e sudeste, com o Rio Grande do Sul liderando com cinco casos registrados.

Gráfico 2: Casos por Estados - 2014



Fonte: 1º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Em apenas quatorze dos vinte casos registrados no ano foram encontradas informações relacionadas as punições dos responsáveis. O incidente online mencionado anteriormente aconteceu com o jogador Carlos Gilberto do Nascimento Silva, conhecido como Gil, zagueiro do Corinthians paulista, e o mesmo decidiu não levar adiante o processo.

De acordo com o acompanhamento realizado pelo Observatório da Discriminação Racial, a maioria dos casos foi julgado pelo Tribunal de Justiça Desportiva – TJD a partir do encaminhamento da denúncia realizada por meio as federações locais. Entre os sete casos punidos pelo TJD, seis pagaram multas com valores de até quinze mil reais. Os dois casos com decisões tomadas pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva – STJD pagaram multas com valores de até quarenta e cinco mil reais. Os casos citados anteriormente, do goleiro Aranha e do árbitro Márcio Chagas entraram na estatística com a punição de perda de pontos aplicadas aos respectivos clubes responsáveis, Grêmio, que perdeu 3 pontos e foi excluído da Copa do Brasil, e o Esportivo Bento Gonçalves,

que perdeu 9 pontos e foi rebaixado do Campeonato Gaúcho, ambos do Rio Grande do Sul. (CARVALHO; MANERA, 2015).

Gráfico 3: Ocorrências Registradas - 2014



Fonte: 1º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

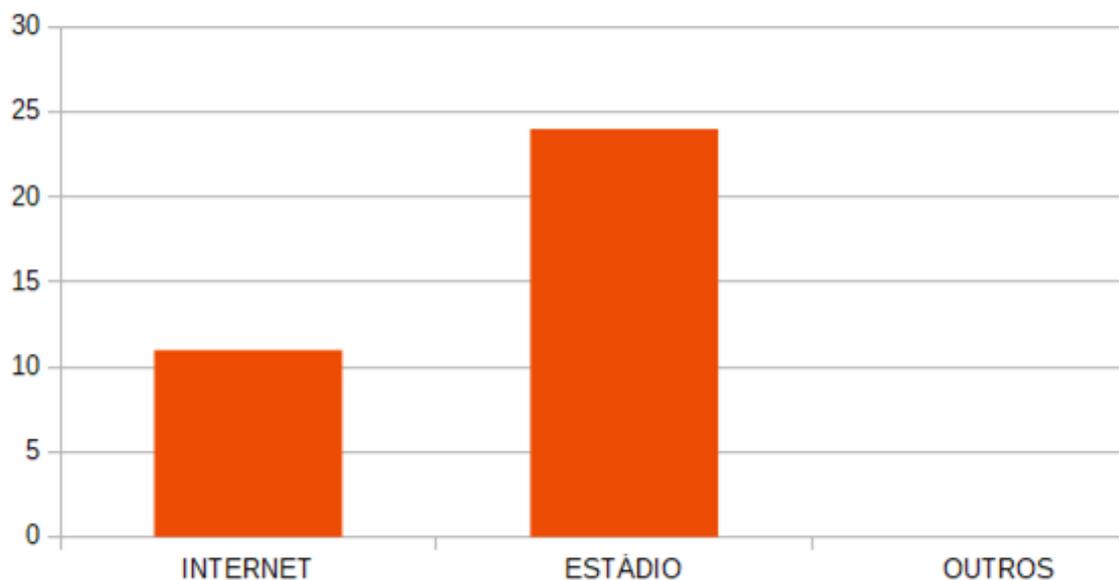
Os dados relatados pelo Observatório Racial auxiliam na compreensão do preconceito e da discriminação não como um problema isolado ou ligado a grupos específicos, mas sim internalizado na cultura brasileira e passado de forma hereditária como uma falha de DNA – ou de caráter –, seja no futebol amador ou profissional.

5.2 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2015

Sabemos que os registros de denúncias e casos de racismo e discriminação no esporte, realizados no período de um ano, destacam apenas de forma superficial o que acontece diariamente nos gramados, quadras e ginásios do país. Ainda assim, sua relevância é notável quando pensamos no alcance e no impacto da notícia na sociedade.

Outro ponto importante é a motivação da vítima a seguir com a denúncia até a finalização do processo. Diversas situações demonstram a pressão da própria torcida para que o jogador desista ou que nem chegue a prestar queixa pelo acontecido, para evitar problemas para o clube.

Gráfico 4: Locais - 2015



Fonte: 2º Relatório de Discriminação Racial no Futebol - Observatório de Discriminação Racial

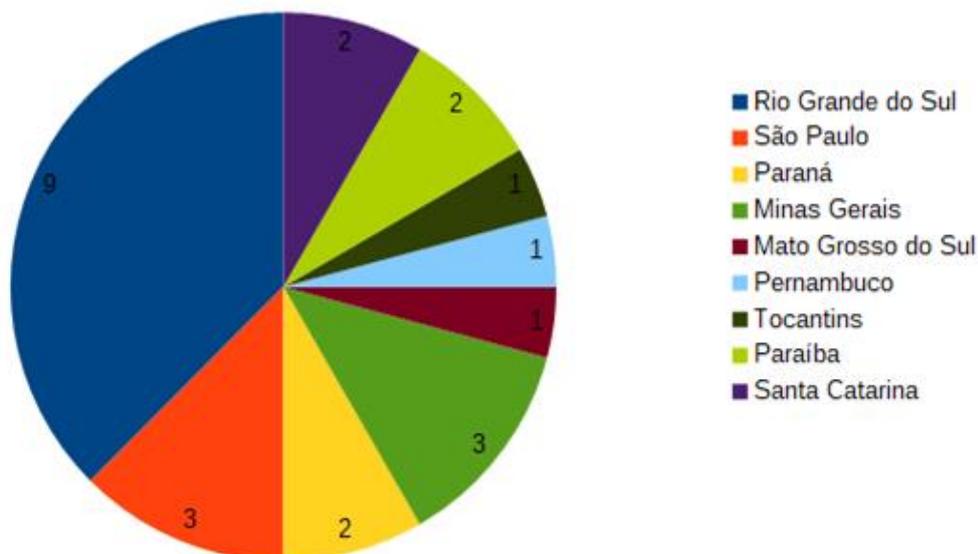
Tal comportamento acaba se tornando um mal exemplo de como o racismo deve ser combatido dentro do esporte. Como já mencionado, o primeiro passo para uma mudança significativa é a punição, com todo o devido processo legal e para que os culpados sejam responsabilizados, a denúncia é essencial.

Em comparação, 2015 apresenta um aumento de quinze casos registrados em comparação à 2014, no mesmo período, de acordo com o 2º Relatório de Discriminação Racial no Futebol.

Dos trinta e cinco, vinte e quatro ocorreram dentro do estádio e onze pela internet (redes sociais). Os vinte e quatro casos registrados dentro dos estádios aconteceram em nove estados brasileiros, sendo seis reincidentes. Pelo

segundo ano, o Rio Grande do Sul possui a maior quantidade de registros, com nove no total (CARVALHO; MANERA, 2016).

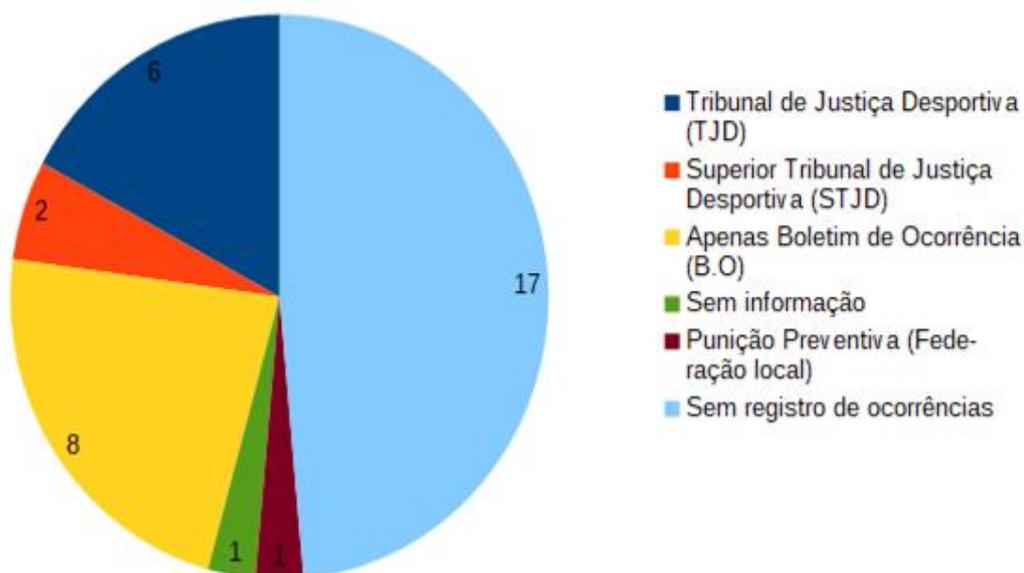
Gráfico 5: Casos por Estados - 2015



Fonte: 2º Relatório de Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

O acompanhamento dos casos registrados pelo Observatório da Discriminação destacou um número alto de denúncias sem cadastros de ocorrências, como boletins ou processos judiciais.

Gráfico 6: Ocorrências Registradas - 2015



Fonte: 2º Relatório de Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Do total de casos registrados como racismo, apenas em um houve punição pelo Tribunal de Justiça Desportiva. Novamente, observa-se a desistência ou o “desinteresse” da vítima em levar o processo adiante.

O registro do boletim de ocorrência é um grande passo, mas sem o andamento do processo nas esferas jurídicas não é possível que sejam realizadas punições justas para cada situação.

5.3 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2016

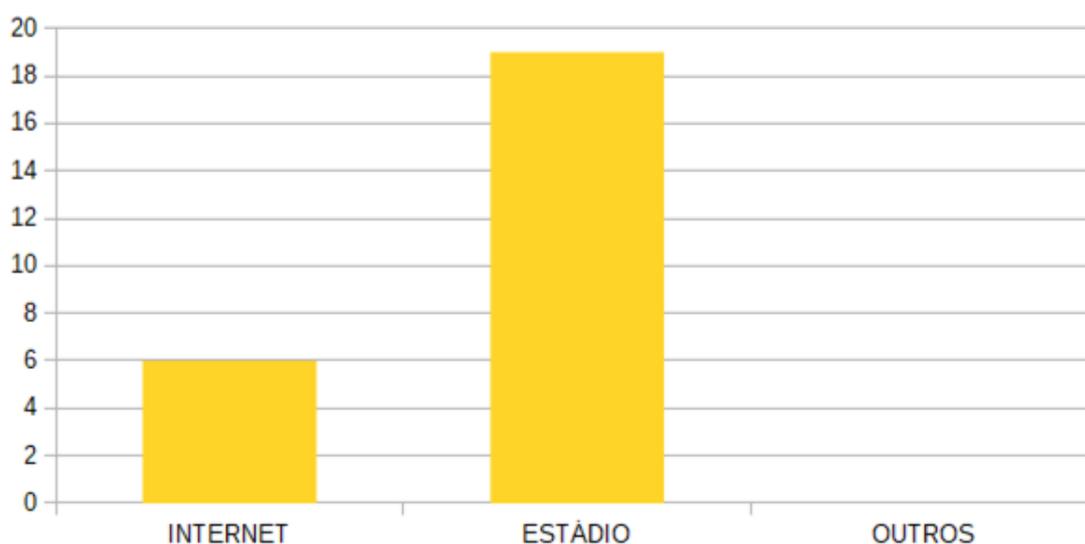
A discussão sobre os incidentes de racismo no esporte, em específico no futebol, ainda é analisada como se cada evento acontecesse de forma isolada, ou seja, como se os casos não estivessem interligados pela perpetuação da discriminação oriunda do processo de escravidão que no Brasil durou cerca de 300 anos. A ideia de superioridade de raças no país continua a ser desconstruída diariamente pelos movimentos sociais, órgãos e entidades ligadas aos direitos humanos e ao movimento negro e, no contexto esportivo, precisa de mais atenção às raízes do problema.

De acordo com os dados do 3º Relatório de Discriminação Racial do Futebol, do Observatório da Discriminação Racial, observa-se a construção de um padrão comparativo com os registros de 2014 e 2015, na forma que o preconceito se manifesta. As agressões que aconteceram nos estádios, por exemplo, giram em torno dos mesmos xingamentos da torcida para os jogadores, como de “macacos”, ou utilizando bananas como símbolos, ambas manifestações que refletem a desumanização do homem negro como acontecia na época da escravidão.

Em 2016 foram registrados vinte e cinco casos de discriminação racial no futebol. Dos vinte e cinco, dezenove aconteceram dentro de estádios e seis online. Um dos casos com maior destaque foi do jogador Danilo das Neves Pinheiro, mais conhecido como Tchê Tchê, atuando pelo clube Palmeiras do Estado de São Paulo. Em uma partida contra o Atlético Paranaense, pelo Campeonato Brasileiro. A TV Palmeiras realizava a cobertura do jogo e flagrou o torcedor adversário ato racista direcionado ao jogador.

A princípio o caso foi encerrado com a aplicação de multa no valor de R\$ 10 mil, pelo Superior Tribunal de Justiça – STJD e o torcedor banido de visitar a Arena da Baixada (estádio do Atlético-PR), por 720 dias. O réu recorreu da sentença, que foi transformada em uma condenação no valor de R\$ 20 mil, direcionada a ações de publicidade e criação de campanhas de enfrentamento ao preconceito, para serem realizadas em jogos com o Atlético como mandante. O Relatório da Discriminação destacou em suas observações que até o fim da elaboração da 3ª edição não identificaram nenhuma campanha promovida pelo clube. (CARVALHO, MANERA, 2017).

Gráfico 7: Locais 2016

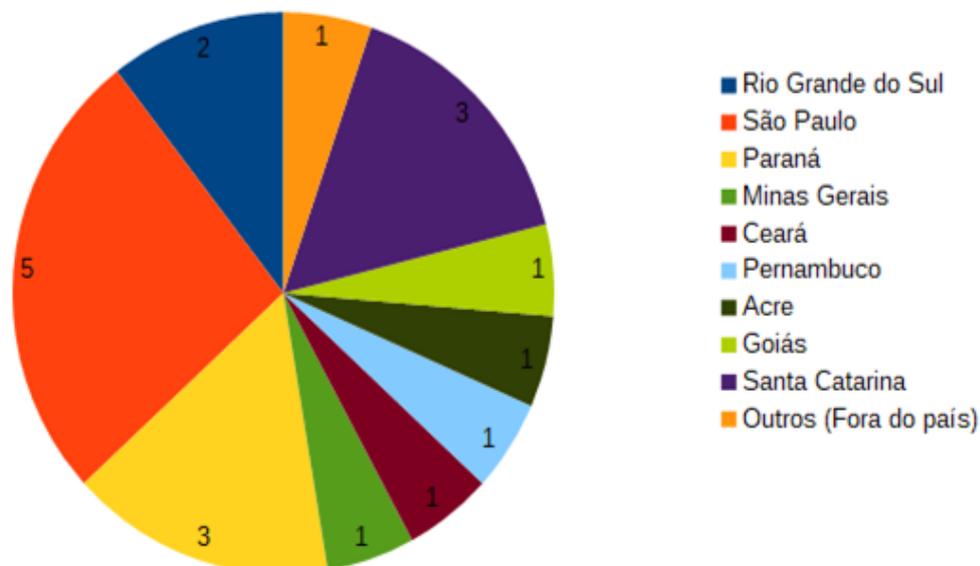


Fonte: 3º Relatório de Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Nesse caso, se faz necessária uma cobrança mais incisiva das punições aos clubes responsáveis pelos incidentes de racismo dentro dos estádios, de forma a estabelecer um exemplo de comportamento e de postura frente ao crime. Alguns casos, por exemplo, não chegam à esfera jurídica pois são minimizados no momento que acontecem, como um deslize ou mal-entendido, então quando existem evidências que sustentem a denúncia de racismo, é essencial que o processo seja concluído e exposto como exemplo para situações reincidentes.

Voltando aos dados de 2016, ao contrário de 2014 e 2015, dos dezenove casos em estádios, o estado com maior índice de casos de discriminação foi São Paulo, com cinco.

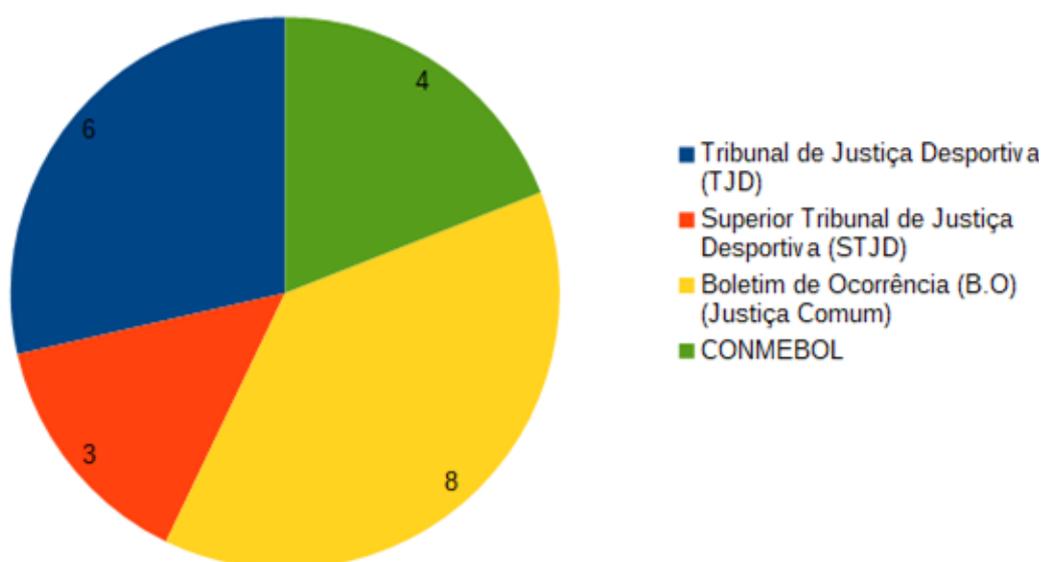
Gráfico 8: Casos por Estados - 2016



Fonte: 3º Relatório de Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Sobre o andamento dos vinte e cinco casos, entre os seis online apenas um teve registro de boletim de ocorrência. Do total, em quatro casos não foram encontradas informações sobre registros de denúncia ou processos.

Gráfico 9: Ocorrências Registradas - 2016



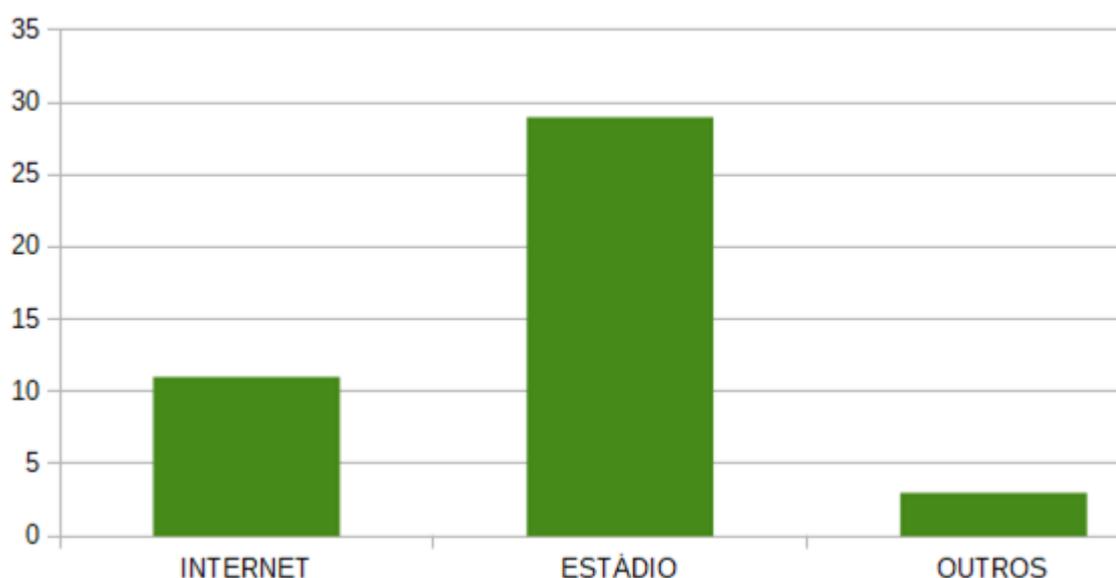
Fonte: 3º Relatório de Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

A divulgação dos dados coletados pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol é uma das estratégias mais eficazes na quebra da imagem democrática do esporte pois invalida ao mesmo tempo o argumento da inexistência do racismo. Reconhecer a sua existência permite a realização de uma busca mais clara por uma solução que envolva a coletividade.

5.4 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2017

O 4º Relatório da Discriminação Racial no Futebol traz um número bem maior de casos de discriminação em comparação com os anos anteriores. Seus registros destacam incidentes fora dos locais identificados nos relatórios de 2014, 2015 e 2016, como estádios e internet, e englobam situações envolvendo à imprensa, especificamente jornalistas que trabalham com a cobertura de partidas, seja na TV ou rádio. Incluir nas estatísticas os comentários identificados como racistas, ou supostamente discriminatórios, realizados em veículos de comunicação ligados à transmissão de jogos de futebol é mais um ponto que chama a atenção por sua importância, que às vezes passa despercebida, e seu poder em influenciar o posicionamento da sociedade sobre determinados casos.

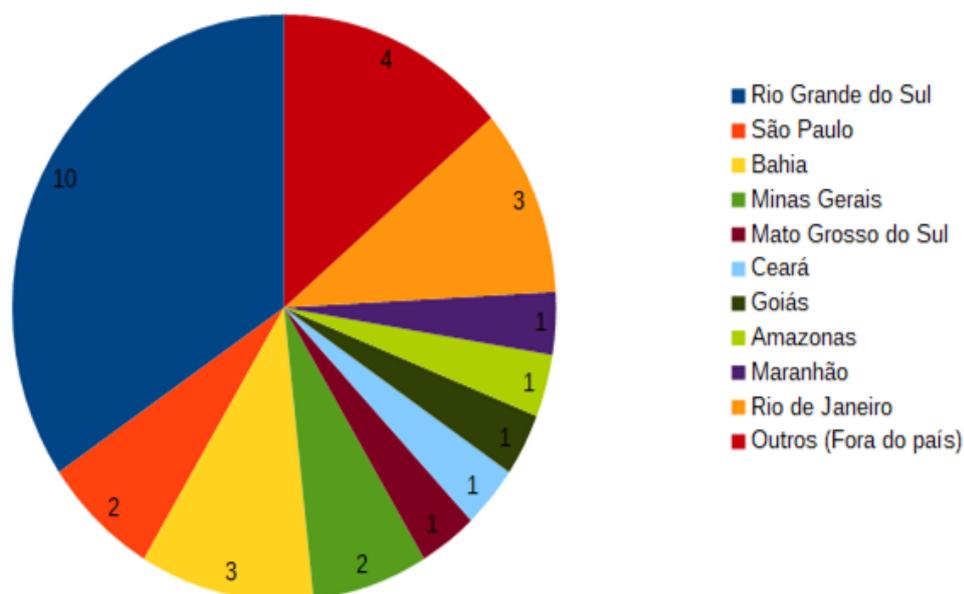
Gráfico 10: Locais - 2017



Fonte: 4º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

No período de 01 de janeiro à 31 de dezembro de 2017, foram coletadas informações sobre quarenta e três casos de racismo dentro do país, sendo vinte e nove nos estádios, onze na internet (online) e 3 em outros locais.

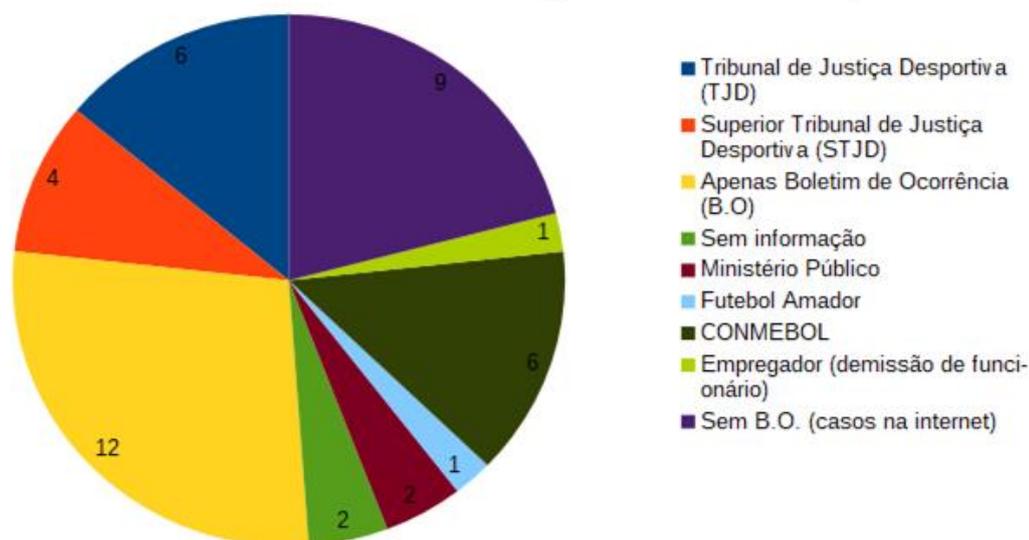
Gráfico 11: Casos por Estados - 2017



Fonte: 4º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Com relação à distribuição geográfica, o Rio Grande do Sul volta a figurar como o estado com maior número de casos, somando dez no total.

Gráfico 12: Ocorrências Registradas - 2017



Fonte: 4º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Os casos registrados como Outros aconteceram em competições internacionais, como a Copa Libertadores da América, mas os incidentes atingiram clubes e jogadores brasileiros, e, por isso, estão incluídos nas estatísticas nacionais.

Dos onze casos online, em apenas dois ocorreu o registro do Boletim de Ocorrência, e não foram encontradas informações sobre os outros nove. Em um dos casos registrados em outros espaços, o comentarista da emissora ESPN (Entertainment and Sports Programming Network) Brasil foi acusado de racismo por uma das funcionárias da empresa. O incidente repercutiu nas redes sociais e acabou resultando na demissão do jornalista. Outro registro inédito da 4ª edição é um caso no futebol amador, onde o clube foi punido com a perda de pontos. (CARVALHO; MANERA, 2018).

A subida dos números de 2017 indica um aumento significativo em eventos racistas durante as partidas de futebol ao longo do ano, mas, ao mesmo tempo, demonstra uma maior mobilização no âmbito jurídico, desde a formalização da denúncia até a punição e resolução dos processos, com um certo destaque para os casos que aconteceram em competições internacionais e que foram julgados pela CONMEBOL.

Por outro lado, no relatório constam detalhes sobre a dificuldade de acessar as informações sobre o andamento dos processos na justiça desportiva nacional, como também de atestar a veracidade de casos informados, que acontecem online ou nos gramados, e isso prejudica o somatório final das estatísticas dentro do período.

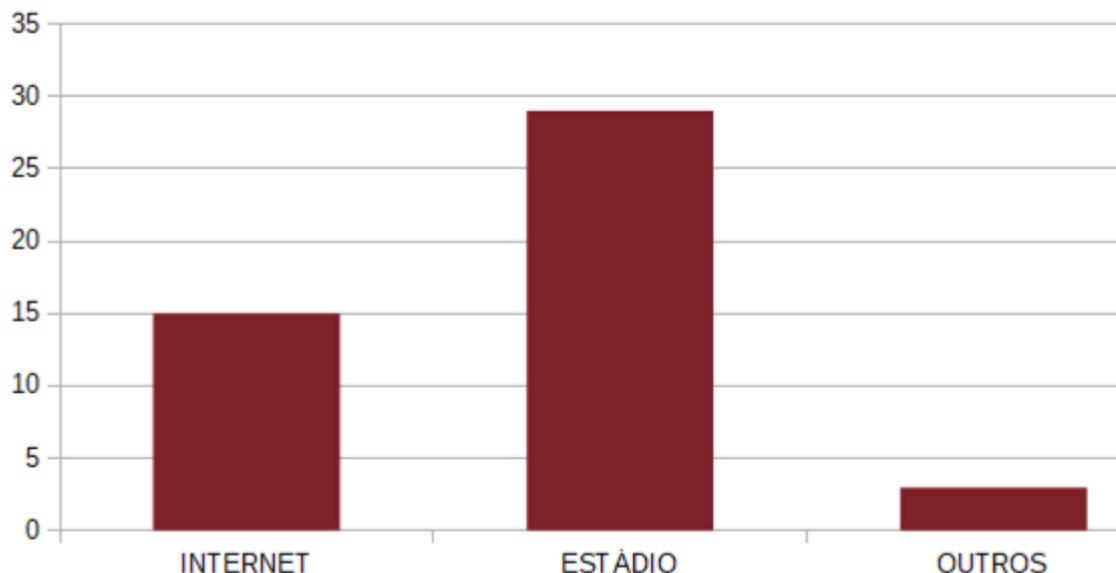
Apesar dos obstáculos, o exposto pelo Observatório da Discriminação Racial auxilia a criação de um panorama do preconceito que forma a base de construção de um posicionamento em resposta, ajudando na identificação do que, quando, como e onde será combatido.

5.5 Estatísticas de denúncias e casos de racismo de 2018

Sabemos que, de forma resumida, os números dos relatórios do Observatório da Discriminação Racial são apenas a ponta do iceberg do racismo no esporte no Brasil. Entretanto, são as únicas fontes atualmente que buscam a

divulgação dos mesmos com o intuito de ampliar o debate sobre a temática e servir como um guia de pesquisa para quem tem interesse no assunto.

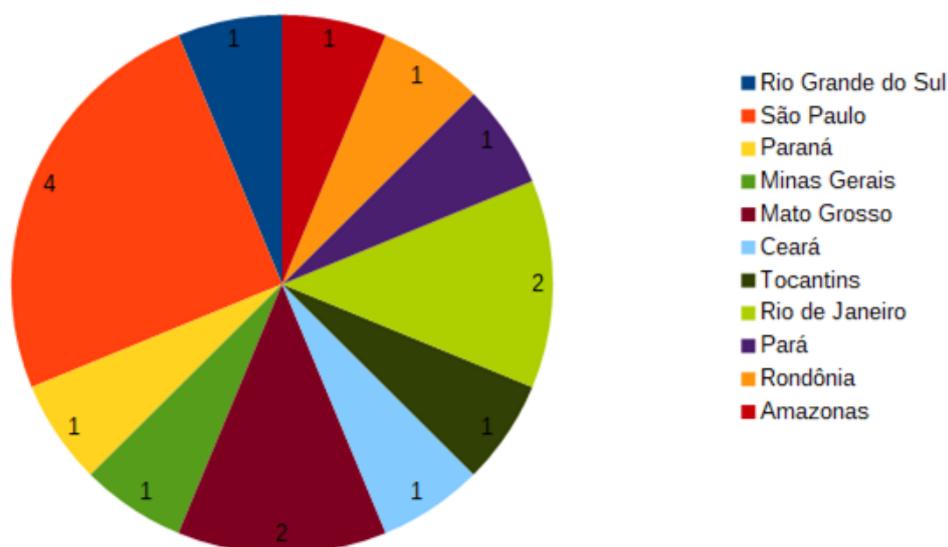
Gráfico 13: Locais - 2018



Fonte: 5º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

O último relatório divulgado em 2019, apresenta dados do período de 01 de janeiro à 31 de dezembro de 2018, que não apresentam quase nenhuma diferença dos registrados em 2017 sobre a quantidade total e os locais dos incidentes.

Gráfico 14: Casos por Estados - 2018



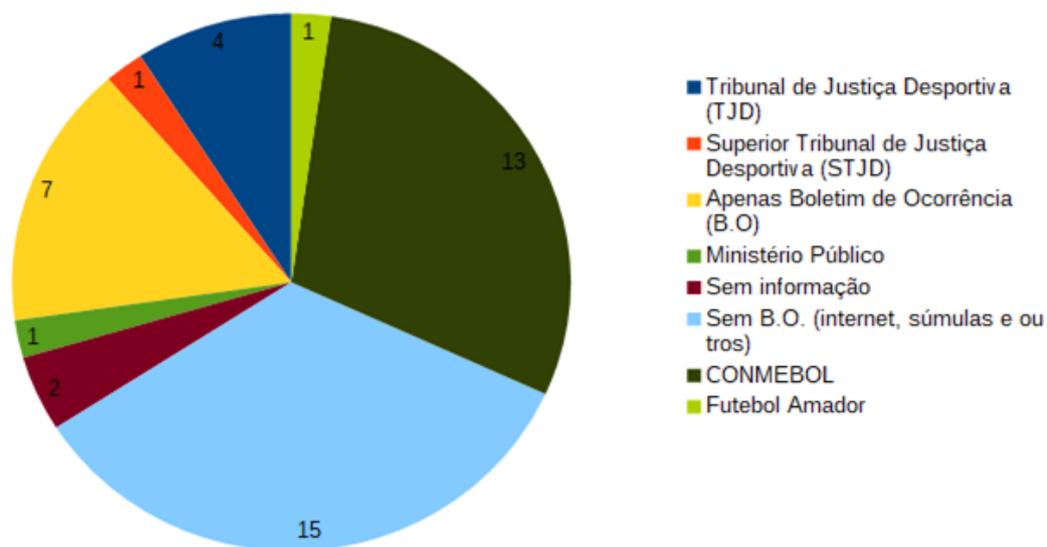
Fonte: 5º Relatório de Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Foram quarenta e quatro registros, sendo vinte e nove nos estádios, doze na internet (redes sociais/sites) e três em outros espaços. Os três incidentes em outros espaços estão relacionados a comentários racistas em programas de televisão que realizam a transmissão e cobertura de partidas de futebol.

Dos 27 estados do país, onze apresentaram pelo menos um caso de racismo no futebol, concentrados em sua maioria nas regiões sul e sudeste, com o estado de São Paulo liderando os incidentes no ano, com quatro. Com relação ao acompanhamento dos casos e do registro das ocorrências, entre os doze casos online apenas em um aconteceu o registro do boletim de ocorrência e nos outros onze não foram encontradas nenhuma informação sobre procedimentos jurídicos relacionados.

No total, dos quarenta e quatro, em aproximadamente 34% dos incidentes não foram registradas nenhuma informação, nem o boletim de ocorrência ou processos nas esferas jurídicas.

Gráfico 15: Ocorrências Registradas - 2018

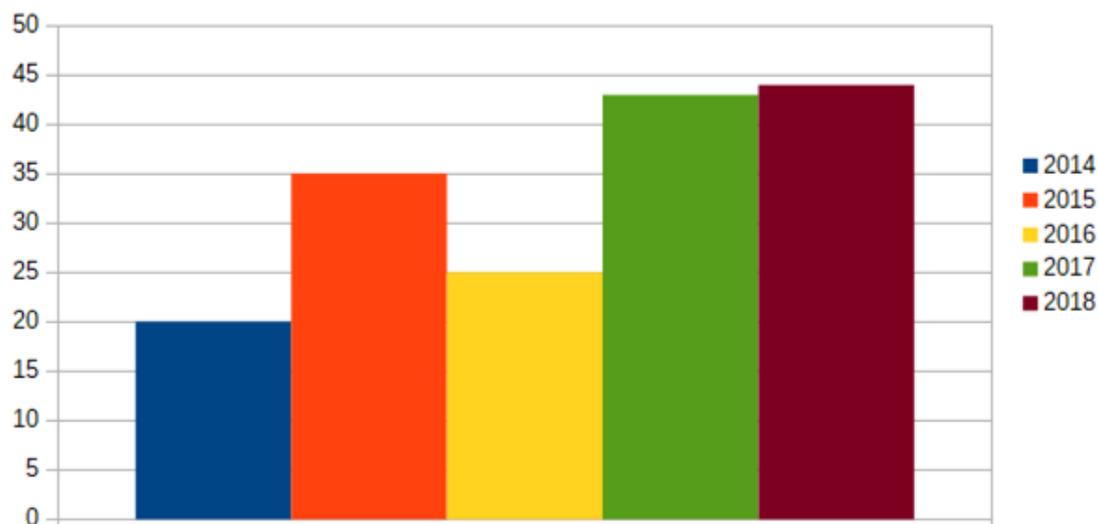


Fonte: 5º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Em um dos três incidentes de outros locais, o Ministério Público do Estado de São Paulo, ingressou uma ação com o pedido de condenação do agressor e aplicação de multa (CARVALHO; MANERA, 2019).

O nítido aumento das ocorrências coletadas de 2014 a 2018 pelo Observatório da Discriminação Racial levantam um questionamento importante: os casos aumentaram ou o processo de conscientização começou a surtir efeito e as denúncias e manifestações de enfrentamento ao racismo ganharam força e visibilidade?

Gráfico 16: Ocorrências por ano - 2014/2018



Fonte: 5º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

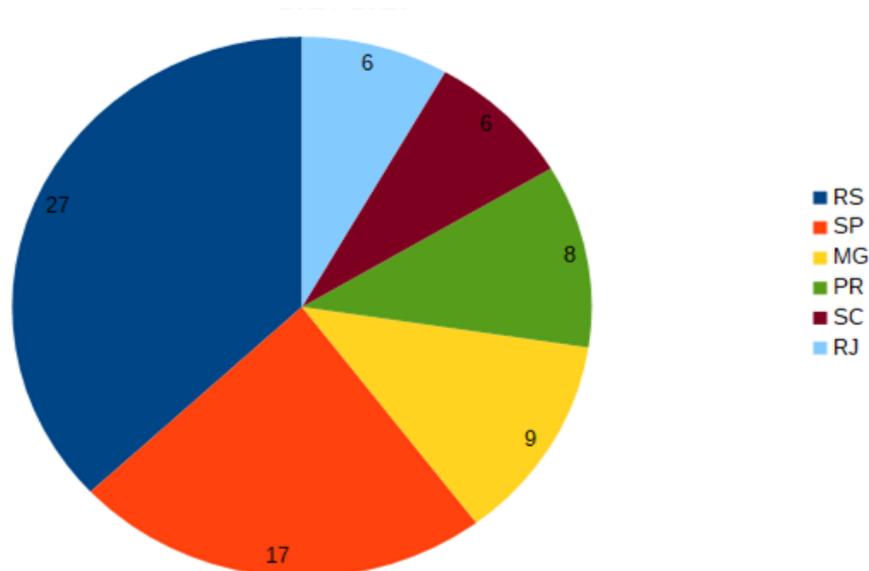
Apesar das denúncias representarem um ponto negativo, que é a frequência dos ataques e agressões sofridas pela população negra, as mesmas acabam se tornando o combustível e a motivação para a ampliação das campanhas de combate ao racismo.

O posicionamento dos órgãos do judiciário responsáveis pelos julgamentos dos casos de discriminação é outro fator essencial na criação de padrões de conduta no esporte, neste caso específico, o futebol.

Muitas vezes uma multa não atinge o impacto esperado e a punição não surte efeitos de conscientização. A mobilização dos clubes e dos jogadores direcionada, mesmo que forçadamente, para ações de disseminação dos direitos humanos, abrangendo outros casos de discriminação, como a LGBTfobia por

exemplo, pode transformar e fortalecer, desta vez como verdadeira, a imagem democrática do futebol nacional.

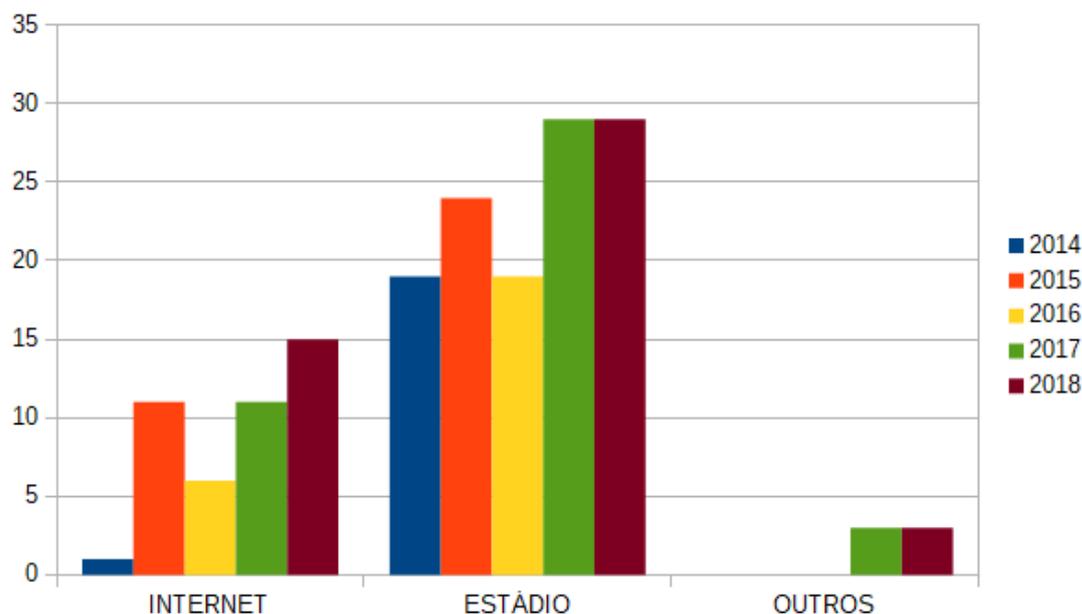
Gráfico 17: Casos por Estados - 2014/2018



Fonte: 5º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Geograficamente, os dados dos relatórios de discriminação racial aparecem em sua maioria nas regiões sul e sudeste, com os estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo concentrando cerca de 60% do total, dentro do período de cinco anos.

Gráfico 18: Locais - 2014/2018



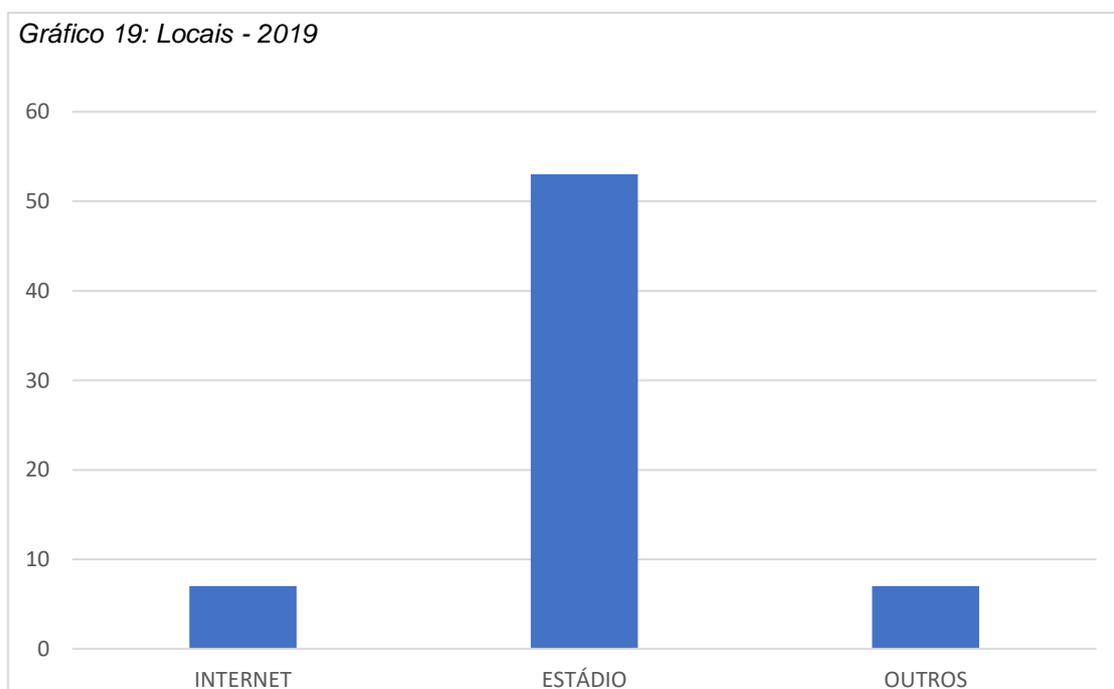
Fonte: 5º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

No mesmo ritmo dos incidentes em estádios, os casos de racismo online crescem gradativamente, principalmente nas redes sociais.

5.6 Dados recentes – Estatísticas de denúncias de 2019 e a projeção de 2020

Em novembro de 2020, na semana de celebração do Dia da Consciência Negra, foi lançado o Relatório do Observatório Racial do Futebol de 2019, revelando um aumento no total de casos: 67. Um número 235% maior do que o registrado no primeiro relatório em 2014, e de 52,27% em comparação com 2018.

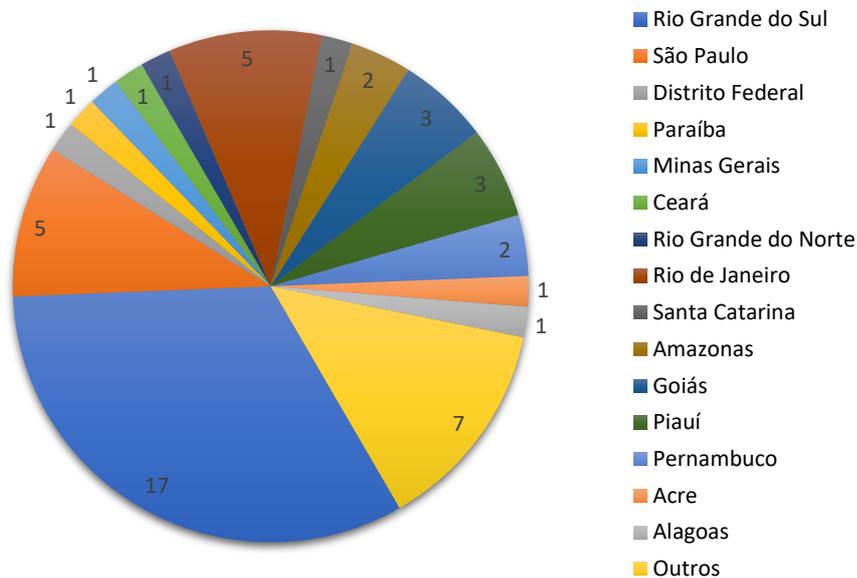
Desse total, 53 casos foram registrados nos estádios, 7 na internet e 7 em outros espaços.



Fonte: 6º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

O Rio Grande do Sul voltou a figurar como o estado com mais incidentes racistas no futebol, atingindo o recorde de 17 casos registrados, sendo seguido por São Paulo e Rio de Janeiro com cinco casos cada.

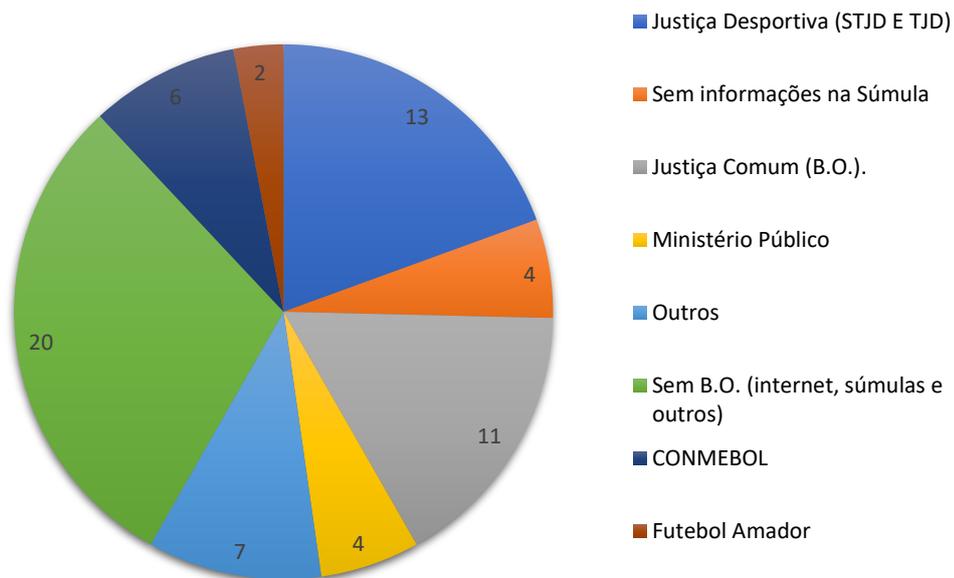
Gráfico 20: Casos por Estados - 2019



Fonte: 6º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Dos 67 casos, apenas 13 foram julgados pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva ou pelo Tribunal de Justiça Desportiva. 20 casos não tiveram boletim de ocorrência ou apenas foram registrados em súmula, sem andamento judicial.

Gráfico 21: Ocorrências Registradas - 2019



Fonte: 6º Relatório da Discriminação Racial - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

Os números destrinchados nos capítulos anteriores já nos alertavam sobre o que esperar nos anos seguintes e reforçam o levantamento realizado pelo site Globo Esporte ¹em novembro de 2019, com 163 atletas, árbitros e dirigentes negros das séries A, B e C, onde quase 50% dos entrevistados afirmam terem sofrido ao menos uma agressão racista ao longo da carreira, concentradas, em sua maioria, dentro do estádio de futebol (GLOBO ESPORTE, 2019).

Outro destaque do levantamento é o alto número de casos não denunciados (cerca de 87%), dentre os mencionados pelos entrevistados. Mais uma vez o medo da marca relacionada a exposição do racismo em âmbito nacional e a falta de uma punição efetiva para os responsáveis, além do receio do aumento do preconceito, se tornaram barreiras no enfrentamento a discriminação em campo.

Novamente, voltamos ao paradoxo relacionado a quantidade de casos e denúncias, onde no mesmo passo que é preocupante o aumento gradativo de incidentes racistas no esporte, é importante que o fluxo de denúncias aconteça para que a discriminação seja combatida de forma mais efetiva.

Ainda na pesquisa do Globo Esporte, uma das perguntas que chama a atenção é “O que, para você, reduziria ou acabaria com o racismo no futebol?”. As três respostas mais recorrentes são: punições aos agressores, campanhas educativas e punições aos clubes e envolvidos, nesta ordem.

Em 2020, o cenário da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) influenciou o andamento de atividades e serviços e, conseqüentemente, suspendeu a realização de campeonatos e jogos de futebol no Brasil e no mundo. Essa interferência surtiu efeito na queda de denúncias e casos de racismo registrados, de janeiro a agosto, de acordo com os dados preliminares do Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Segundo matéria publicada no site do Observatório em 08 de agosto, neste período foram registrados aproximadamente quinze casos de preconceito, sendo o total formado por manifestações de discriminações raciais, de gênero e religião.

¹ GLOBO ESPORTE. **Levantamento inédito:** quase metade dos atletas negros das Séries A, B e C sofreu racismo no futebol. De 12/11/2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/levantamento-inedito-quase-metade-dos-atletas-negros-das-series-a-b-e-c-sofreu-racismo-no-futebol.ghtml>.

A exposição e visibilidade desses dados, desde 2014, forçam a imprensa a mudar sua postura frente a divulgação dos casos de discriminação. Da mesma forma que o jornalismo esportivo se adaptou, com o passar dos anos, às atualizações na produção de matérias, realizações de coberturas e entrevistas, começou a ser moldado também do ponto de vista social, como mais uma forma de combate a comportamentos ilícitos relacionados ao esporte, por meio da coerção midiática associada ao julgamento público.

A cada caso de racismo registrado e utilizado como argumento de que é um reflexo da sociedade, os clubes ligados às denúncias perdem oportunidades de ouro de lançarem mais campanhas de conscientização com base nos acontecimentos anteriores. O peso histórico do racismo acaba arrastando a culpa dos incidentes de volta ao contexto do período escravista e da hierarquia racial nacional e eximindo o esporte de qualquer responsabilidade.

De forma simplificada, o ponto principal do enfrentamento ao racismo e da criação de estratégias de redução dos incidentes no esporte giram em torno do fortalecimento da educação e da quebra da hierarquia racial por meio do reconhecimento das falhas históricas do contexto da escravidão, mas também da aplicação efetiva de sanções para os responsáveis e demais envolvidos, como dirigentes, clubes e torcida.

6 O reconhecimento da identidade negra e as campanhas nacionais de enfrentamento ao racismo no futebol

O racismo estrutural² enraizado nas relações sociais no Brasil influencia o cidadão e a cidadã negra desde o seu nascimento, e os acompanha no decorrer da vida como uma marca geracional, advinda do período da escravidão até os dias atuais. Essa associação interfere no próprio reconhecimento racial do indivíduo, que impelido pelo preconceito exposto nas camadas sociais mais altas, não se aceita como negro. No futebol não é diferente. O exemplo clássico já citado é o do jogador Carlos Alberto e o famoso pó de arroz do Fluminense, mas recentemente outro caso chamou a atenção: Neymar.

Em 2010, em entrevista à jornalista Sonia Racy, do Estadão, o jogador do Santos afirmou nunca ter sofrido racismo, nem dentro ou fora de campo, por não ser “preto”. Entretanto, nos últimos dez anos é nítida a mudança de postura do jogador frente à discriminação racial e ao engajamento nos movimentos e campanhas de enfrentamento ao racismo.

Essa mudança está ligada diretamente ao orgulho racial, à conscientização de que a miscigenação e os diversos tons de pele espalhados

Figura 8: Neymar com o filho, segurando uma banana, em apoio a Daniel Alves



Fonte: Reprodução

² ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

em território nacional não definem a sua raça tanto quanto a reivindicação pública sobre a mesma.

Quando, em 2014, Daniel Alves comeu a banana em campo, Neymar se manifestou nas redes sociais com uma campanha, um tanto impensada, mas importante pelo posicionamento, com a *hashtag* Somos Todos Macacos, em apoio ao companheiro de clube.

No Brasil é difícil afirmar que o indivíduo nasce negro, mas sim torna-se, exatamente pelo processo de aceitação da cor junto com a quebra do estereótipo formado pela hierarquia racial nacional onde o negro é colocado como inferior e submisso à supremacia branca.

Neymar é o exemplo perfeito de transformação e compreensão das questões sociológicas que ainda utilizam o racismo como ferramenta de exclusão. Em setembro de 2020, Neymar foi expulso de campo na estreia do seu time atual no Campeonato Francês, o Paris Saint German, após reagir à um insulto racista disparado pelo zagueiro adversário, González, jogador do Olympique de Marselha.

Novamente, Neymar utilizou as redes sociais pra expressar seu sentimento de frustração frente à falta de posicionamento das entidades internacionais. O caso acabou não tendo punições para nenhum dos envolvidos pois, segundo a comissão disciplinar da Liga de Futebol Profissional da França (LFP), não haviam elementos suficientes para comprovar a agressão.

No episódio mais recente, em 8 de dezembro de 2020, um fato histórico. Durante a partida entre Paris Saint German e Istanbul Basaksehir, todos os jogadores dos dois times deixaram o campo após a denúncia de racismo feita pelo membro da comissão técnica do Basaksehir contra o quarto árbitro da partida. O jogo foi retomado no dia seguinte, com a troca do corpo de arbitragem da partida, que foi uma das solicitações feitas pelos próprios jogadores.

O caso, que teve grande repercussão nas redes sociais, incentivou a manifestação pública em apoio à ação dos dois clubes. Neymar, pelo seu Instagram, fez mais uma publicação simbólica, mas dessa vez utilizando a frase “Black Lives Matter”, em português “Vidas Negras Importam”, que é o emblema de uma campanha que ganha cada vez mais força no Brasil e no mundo, pela união da sociedade na luta em defesa da população negra contra a violência e a discriminação.

Figura 9: Neymar se posiciona nas redes sociais em prol da campanha Vidas Negras Importam



Fonte: Reprodução/Instagram

O fato é, ao vestir a camisa do enfrentamento à discriminação e utilizar sua posição enquanto figura pública, sendo um dos jogadores brasileiros com maior influência na mídia internacional, Neymar se torna símbolo e modelo de ação nos casos de racismo ao redor do mundo e fortalece o incentivo às denúncias relacionadas, em diversas escalas, pela repercussão garantida pelo interesse do jornalismo, em especial o esportivo.

A partir dessa perspectiva, o jornalismo esportivo entra como um canal de exposição, sem se limitar a apenas narrar um jogo ou comentar os aspectos táticos de uma partida de futebol, mas sim discutir os incidentes sociais interligados à cultura do esporte, sejam eles de discriminação racial, que é o foco dessa pesquisa, de machismo, LGBTfobia ou qualquer outra forma de preconceito.

Para isso, o envolvimento dos clubes na criação e no fortalecimento de campanhas relacionadas ao enfrentamento ao preconceito é essencial, principalmente quando partem das instituições responsáveis pela fiscalização e organização do esporte, em âmbito nacional e internacional.

Em 2014, a Confederação Brasileira de Futebol - CBF criou a campanha Somos Iguais, após a grande repercussão dos casos Tinga, Arouca e do árbitro Márcio Chagas, que também participaram da ação no vídeo oficial de divulgação da campanha, de conscientização e repúdio a qualquer ato de discriminação em campo.

Figura 10: Ação da CBF contra o racismo em 2014



Fonte: Reprodução/CBF

A campanha também realizou a exposição de faixas nos jogos de campeonatos nacionais, das séries A e B, e na Copa de 2014, além da transmissão de vídeos e locuções durante as partidas.

Em 2018, uma nova campanha teve início junto com a primeira rodada do Brasileirão: Todos Iguais. Dessa vez, a CBF utilizou uma imagem colorida para simbolizar a miscigenação e levantou a bandeira contra as diversas formas de preconceito.

A inspiração para a campanha foi a frase do cantor e compositor Gilberto Gil: “Todos somos iguais em nossas imensas diferenças” (CBF, 2018). As ações da campanha Todos Iguais contaram com a participação de todos os clubes da série A em 2019, além do apoio do Observatório da Discriminação Racial no Futebol.

Figura 11: Campanha da CBF de 2018: Todos Iguais



Fonte: Reprodução/CBF

Em junho de 2020 mais uma campanha repercutiu nas redes sociais, voltada para o enfrentamento ao racismo no futebol. Com a hashtag #PoderiaSerEu, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, junto com diversos clubes nacionais, iniciou uma onda online de conscientização sobre a discriminação e sobre a importância do debate voltado para as questões de raça independente da ligação com casos recentes no esporte.

Figura 12: Clubes nacionais repercutem campanha #PoderiaSerEu



Fonte: Reprodução/Twitter

Ou seja, a campanha busca desassociar a existência do racismo à casos isolados e tratar a luta contra a discriminação como um elo social pelo respeito e a igualdade racial dentro e fora de campo. Campanhas como as citadas acima possuem um peso dentro do enfrentamento ao racismo pois além de combaterem a famosa desculpa de que o racismo não existe no Brasil, escancaram os pontos fracos do esporte antes considerado livre de preconceitos.

Na cultura brasileira, o futebol já nasceu como um instrumento de inclusão, já chegou quebrando barreiras e crescendo descontroladamente por todo o país, conquistando e se estabelecendo como símbolo nacional.

Dessa forma, é a ferramenta perfeita para dar início a mudanças significantes no contexto social. Antes, transformou de fora para dentro, aceitando e valorizando o talento do jogador negro e o escolhendo como o seu rei. Agora será de dentro para fora, por meio da disseminação de campanhas educativas e da ampliação do debate sobre as raízes do preconceito e da discriminação.

No mesmo passo, o jornalismo esportivo que acompanhou todas as etapas de desenvolvimento do futebol até aqui, se reinventa e perde o status de apenas transmissor de notícias, auxiliando o futebol a ser desconstruído e reconstruído com uma nova estrutura baseada na igualdade para todos e todas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os pontos discutidos, percebemos que abordar o racismo por si só já é uma tarefa que necessita de cuidados, pelo seu peso histórico e pelas nuances de um preconceito que foi construído dentro da cultura nacional e continua a se manifestar por meio dela. Quando essa manifestação acontece no esporte, mais especificamente no futebol, alguns detalhes são observados e devem ser levados em consideração no desenvolver de uma análise mais profunda.

O primeiro deles é a representatividade relacionada ao esporte que, hoje, é um dos símbolos da identidade nacional. O segundo é o reconhecimento do preconceito como fruto de uma falha histórica. A conexão entre os pontos é fortalecida quando, ao voltarmos no tempo para a chegada do esporte no país, percebemos que a contribuição dos jogadores negros foi fundamental no estabelecimento do futebol como paixão nacional. O que seria da Seleção Brasileira hoje sem o talento de Leônidas? Sem Garrincha? Sem o rei do futebol, Pelé? Seríamos pentacampeões mundiais?

No mesmo passo, o jornalismo esportivo desempenha o seu papel de transmissor, de narrador oficial de todos os jogos, de todas as quadras, gramados e ginásios espalhados pelo mundo. Mas, muito além disso, é a porta de entrada para a mudança da visão da sociedade sobre uma população antes desprezada. É a ferramenta que auxilia na criação de um olhar novo e livre das correntes da discriminação, destruindo o estereótipo da desumanização da população negra e a reconhecendo pelo seu talento e sua força, dentro e fora de campo.

A garantia da visibilidade dos incidentes racistas por meio dos veículos de comunicação, bem como a busca pela resolução dos casos por meios judiciais, a partir das denúncias oficializadas como boletins de ocorrência, são alguns dos métodos que visam assegurar mudanças significativas na sociedade.

Através da atualização da mídia e dos meios de comunicação surgem novas estratégias de enfrentamento que devem ser utilizadas para alimentar e ampliar o debate sobre as raízes do preconceito no esporte. Os números crescem diariamente e ilustram um cenário de inseguranças. O primeiro passo pode ser o mais simples e o mais importante de todos: a educação.

Conscientizar é educar. Por meio da educação, aliada ao status misto de ferramenta inclusiva e de lazer do esporte e à imprensa como amplificadora das ações afirmativas, é possível construir campanhas efetivas de combate a perpetuação do preconceito, auxiliando na compreensão do impacto da escravidão na história do país e do mundo, e suas consequências na mudança do padrão de comportamento da sociedade desde a abolição até os dias atuais.

Utilizar o esporte, principalmente o futebol, como interligação entre a compreensão do debate sobre a discriminação e o racismo como essencial e a aceitação da população em participar e ampliar essa discussão são pontos-chaves para evolução.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Fátima. **Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BAHIA NOTÍCIAS. **CBF lança campanha contra o racismo no futebol**. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/noticia/153481-cbf-lanca-campanha-contra-racismo-no-futebol.html>. Acesso em: 27 set. 2020.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.
- CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1989.
- CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **1º Relatório anual da discriminação racial no futebol**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2015.
- CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **2º Relatório anual da discriminação racial no futebol**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2016.
- CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **3º Relatório anual da discriminação racial no futebol**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2017.
- CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **4º Relatório anual da discriminação racial no futebol**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2018.
- CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **5º Relatório anual da discriminação racial no futebol**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2019.
- CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **6º Relatório anual da discriminação racial no futebol**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2020.
- CBF. **CBF lança campanha nacional Todos Iguais**. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-lanca-campanha-nacional-todos-iguais>. Acesso em: 30 set. 2020.
- CBJD – Código Brasileiro de Justiça Desportiva**. IBDD Instituto Brasileiro de Direito Desportivo. São Paulo: IOB, 2010. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/stjd/CBJD.pdf>. Acesso em 23 de julho de 2020.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Contexto, 2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL – CBF. **Friedenreich: origem, histórias e mitos do primeiro ídolo da Seleção**. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/copa/america-2019/friedenreich-origem-historias-e-mitos-do-primeiro-idolo-da-selecao>. Acesso em: 28 jun. 2020.

COUTINHO, Edilberto. **Futebol Cheio de Raça** in: Revista Negro em Movimento: edição comemorativa do Centenário da Abolição, no: 92/3 p. 47-68, jan/jun 1988. Arquivo Biblioteca Universidade Candido Mendes Pio XI.

DRUMMOND, Maurício. **O esporte como política de Estado: Vargas**. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor (orgs.). História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: Ed. UNESP, 2009^a.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association – **FIFA Code of Ethics**. 2018.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association – **FIFA Disciplinary Code**. 2017.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association – **FIFA Statutes**, September 2020 edition. 2020.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Irmãos Pongetti Editores. Rio de Janeiro, 1947.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) Esporte & Jornalismo, São Paulo, CEPEUSP, 1997.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes – São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GLOBO ESPORTE. **Levantamento inédito: quase metade dos atletas negros das Séries A, B e C sofreu racismo no futebol**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/noticia/levantamento-inedito-quase-metade-dos-atletas-negros-das-series-a-b-e-c-sofreu-racismo-no-futebol.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Racismo se alastra: futebol brasileiro tem ao menos uma denúncia por mês**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/04/racismo-se-alastra-futebol-brasileiro-tem-ao-menos-uma-denuncia-por-mes.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

GLOBOESPORTE. **Em parceria com clubes, CBF fará ações contra o racismo na próxima rodada do Brasileirão.** Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/em-parceria-com-clubes-cbf-fara-acoes-contra-o-racismo-na-proxima-rodada-do-brasileirao.ghtml>. Acesso em: 29 set. 2020.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HEMEROTECA DIGITAL. **Acervo – Correio da Manhã (RJ) - 1901 a 1909.** Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/correio-manha/089842>. Acesso em: 1 jul. 2020.

MASCARENHAS, G. **Esportes e mito da democracia racial no Brasil:** memórias de um Apartheid no futebol. LECTURAS: Educación Física y Deporte, Buenos Aires, v. 14, 1999.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL DO FUTEBOL. **Casos de racismo punidos pela Justiça Desportiva.** Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/legislacao/casos-de-racismo-punidos-pela-justica-desportiva/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Observatório da Discriminação Racial estima cerca de 15 casos de racismo no futebol brasileiro em 2020.** Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio-da-discriminacao-racial-estima-cerca-de-15-casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-em-2020/>. Acesso em: 18 set. 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Clubes se juntam a Observatório Racial em campanha contra o preconceito.** Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/clubes-se-juntam-a-observatorio-racial-em-campanha-contra-o-preconceito/>. Acesso em: 1 out. 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Em parceria com clubes e Observatório, CBF fará ações contra o racismo na próxima rodada do Brasileirão.** Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/clubes-se-juntam-a-observatorio-racial-em-campanha-contra-o-preconceito/>. Acesso em: 1 out. 2020.

O DIA. **Lamentável! Relembre 20 casos mais emblemáticos de racismo no futebol.** Disponível em: <https://odia.ig.com.br/esporte/2020/06/5928686-lamentavel--relembre-20-casos-mais-emblematicos-de-racismo-no-futebol.html#foto=1>. Acesso em: 2 jul. 2020.

O TEMPO. **Árbitro acusado de racismo por Ramires é inocentado pela Associação de Futebol da Inglaterra.** Disponível em: [https://www.otempo.com.br/superfc/futebol/arbitro-acusado-de-racismo-por-](https://www.otempo.com.br/superfc/futebol/arbitro-acusado-de-racismo-por-ramires-e-inocentado-pela-associacao-de-futebol-da-inglaterra)

ramires-e-inocentado-pela-associação-de-futebol-da-inglaterra-1.150377.
Acesso em: 29 jun. 2020.

PRESTES, José Augusto. **Ofício nº 261**. Rio de Janeiro, 07 de abril 1924.

RAMOS, Graciliano. **Traços a Esmo** por J. Calisto, pseud. O Índio. Palmeira dos Índios. 1921.

REVISTA PRESS. **Mário Filho – O Criador das Multidões**. Disponível em: <http://revistapress.com.br/revista-press/mario-filho-o-criador-das-multidoes/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: a história da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Nelson. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1958.

STEIN, Leandro. **Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros**. 2013. Disponível em: <www.trivela.uol.com.br>. Acesso em 7 de maio de 2017.

SILVA, Jonas Lopes da. **A Canela Preta**. In: SANTOS, Irene (org.). *Negro em preto e branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre*. Porto Alegre: edição da autora/Fumproarte, 2005.

SILVA, Roberta Pereira da. **Meu guri continua sem proteção**. In: MANERA, Débora Macedo da Silveira. Relatório anual da discriminação racial no futebol. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2018.

TRIVELA. **Leônidas, o craque que apresentou Flamengo e São Paulo às massas**. Disponível em: <https://trivela.com.br/leonidas-100-anos-o-craque-que-tornou-sao-paulo-e-flamengo-grandes/>. Acesso em: 29 jun. 2020.

TUBINO, M.J.G.; TUBINO, F.M.; GARRIDO, F.A.C. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac, 2007.

UOL. **Neymar é expulso após agredir racista: até quando a vítima será punida?**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/rodolfo-rodrigues/2020/09/13/neymar-e-expulso-apos-agredir-racista-ate-quando-a-vitima-sera-punida.htm>. Acesso em: 1 out. 2020.

VIEIRA, José Jairo. **Paixão Nacional e Mito Social: a participação do negro no futebol: profissionalização e ascensão social**. Tese apresentada ao I Concurso de Teses do Centro de Estudos Afro-Brasileiros – 2003, TES 404.